

MÁRCIO CÂMARA

Anjos da rua

Você é feliz e não sabe.



·UM LIVRO, UMA
CANETA, UMA
CRIANÇA E UM
PROFESSOR PODEM
MUDAR O MUNDO·

Malala Yousafzai

Copyright©2020 by Câmara Márcio

Preparo de Originais: Filos Editora

Diagramação:Luan Parra de Godoi

Capa: Douglas Baldo

CÂMARA, Márcio

ANJOS DA RUA – 6ª ed – São Paulo/SP.

Edição do Autor, 2020.

97p.: il.

ISBN: 978-65-88676-41-7

1. *Relatos.* 2. *Literatura Brasileira*

LIVRO BRASILEIRO. I *Título*

FORMATO: A5 14x21

Impresso pelo Autor(A) – 2020.

Copyright "©" 2020. Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio.

Lei Nº 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos direitos autorais).

2020. Escrito e produzido no Brasil.

Filos Editora

Av. João Cardoso, 114 | Centro

CEP: 18760000 | Cerqueira César | SP

E-mail: assessoriafilos2@gmail.com

www.filoseditora.com.br

ANJOS DA RUA



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
PESSOA COM
DEFICIÊNCIA

Vereadora
**SONINHA
FRANCINE**
#vidaverdade 

The logo consists of a stylized white figure resembling a person or a bird, set against a dark circular background.

I N S T I T U T O
BECÊI

Sumário

Agradecimentos.....	6
Prefácio	7
Extraordinárias pessoas comuns	9
Introdução.....	10
<i>“O Condicionado” Morador de rua</i>	<i>12</i>
<i>A história do engraxate Luizinho</i>	<i>16</i>
<i>Conversando com Débora</i>	<i>22</i>
<i>A história de Cláudio.....</i>	<i>29</i>
<i>André, caminhando com coragem.....</i>	<i>40</i>
<i>Valdir, um exemplo de persistência</i>	<i>48</i>
<i>André, jogando com a vida.....</i>	<i>59</i>
<i>Claudinho, vendendo balinhas no farol.....</i>	<i>67</i>
<i>Edvaldo, a alegria com amigos e o basquete.</i>	<i>72</i>
<i>Evaldo dos Santos Sá, vida que vai e volta.</i>	<i>78</i>
<i>Adão Monteiro, cliente ilustre</i>	<i>83</i>
<i>Eu e o táxi.....</i>	<i>85</i>
<i>Pensamentos da doutrina Seicho-no-ie.....</i>	<i>86</i>
<i>“O Brasil é o berço do mundo.”</i>	<i>87</i>
<i>Meu currículo — antes.....</i>	<i>89</i>
<i>A mudança, meu currículo depois.....</i>	<i>90</i>
<i>Poema “Meus Anjos”.....</i>	<i>91</i>
<i>Últimas Impressões do autor.....</i>	<i>92</i>

Agradecimentos

Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo

Cid Torquato, Secretário Municipal

Mara Gabrielli, Senadora por São Paulo

Soninha Francine, Vereadora por São Paulo

Cesar Hernandes, chefe de gabinete

Márcio Aguiar, presidente do Instituto Becei

Márcia Aguiar, coordenadora do Instituto Becei

Pedro Paulo Zogbi, SENAC

Lilian Pricola, cliente do meu táxi

Renata Belluzzo Borba

Tatiane Brito Costa, voluntária

Cristiane Gumiero, MidiaMix

Ismael Tavernaro, Editora Filós

Douglas Baldo, ilustração da capa.

E aos personagens que colaboraram cedendo suas histórias para a publicação do livro.

E a todos aqueles que trabalham nos bastidores, desde a tia da limpeza, motorista, funcionários até diagramadores, revisores, etc.

Prefácio

Anjos da Rua é uma das iniciativas mais interessantes que me foram apresentadas nestes anos frente à Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo. Fiquei emocionalmente tocado quando Márcio Câmara me abordou para mostrar sua obra e me contar sobre o trabalho singelo que desenvolve junto com as pessoas em situação de rua, especialmente aquelas com alguma deficiência.

Com seu livro, o autor contribui com a questão social de forma inovadora, inusitada e criativa, elevando a autoestima de seus personagens pelo relato de suas histórias. Ao fornecer um lote de livros a cada entrevistado, empodera-os com a renda das vendas desses exemplares, abrindo novas perspectivas a essas pessoas.

Além disso, retrata um novo olhar, que, potencialmente, resgata e rehumaniza esses párias sociais, abrindo olhos e mentes por intermédio de histórias marcantes e lições de vida, protagonizadas por pessoas marginalizadas, invisíveis e vulneráveis.

São histórias de quem perdeu tudo, a força, a saúde, a coragem, a alegria de viver. Histórias de quem não sabe mais o que perdeu ou onde se perdeu no meio do caminho.

O autor, Márcio Câmara, teve a sensibilidade e empatia de buscar e retratar personagens cujas vidas nunca são contadas. Ele vai ainda mais fundo ao eleger pessoas com deficiência em situação de rua, provavelmente o segmento em maior estado de vulnerabilidade social.

A rua é cruel e essas pessoas estão por aí, espalhadas por todos os cantos da cidade, amontoadas, abandonadas, amedrontadas. São muitas. Cada vez mais. Infelizmente, a crise econômica gerada pela pandemia tem multiplicado o número de pessoas desalojadas, desempregadas e desesperançosas.

Há quem pense que estão lá por que querem. Há quem não pense nada, pois fingem não enxergá-los. Há quem os julgue preguiçosos, por não terem emprego e não poderem trabalhar, correr atrás. Não entendem o que é perder a dignidade e não conseguir enfrentar o caminho de volta, sem contar aqueles que nascem e crescem nas ruas e nunca viveram outra realidade.

Ler o livro *Anjos da Rua* mudará a cabeça das almas mais insensíveis, vai estimulá-las a querer ajudar esses irmãos pegos na contramão da vida. Ensinará que antes de julgar é preciso conhecer e procurar entender os motivos pelos quais tanta gente, tristemente, encontra-se nessa condição.

Leia e humanize-se!

Cid Torquato
Secretário Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo

Extraordinárias pessoas comuns

Raimundo, filho de criação de Manoel, sobrinho de Matias, era jardineiro e tinha uma bicicleta Monark. Luiz Carlos é pai de três meninas e dois filhos homens, “incluindo Mateus”, que quer ser jogador de futebol. Débora, mãe de Sara, é fã do Belo e adora uma balada. Claudio Roberto aprendeu Inglês e esteve na Inglaterra. André toca em um grupo de pagode. Valdir, que fez datilografia na escola do senhor Marcos, foi caixa de banco; chegou à subchefe de agência. A primeira namorada do André Luiz, que nasceu em uma aldeia de pescadores em Recife, foi a Marta, quando ele tinha 18 anos.

Tudo tão comum, né? Gente com nome, sobrenome, história, memória, família, como todo mundo aqui. Mas se não é o Marcio Câmara, seriam “a cadeirante do farol”, “o rapaz cego da frente da loja”... Um perfil raso, formado pela deficiência + o lugar por onde nos acostumamos a vê-los. Parte da paisagem inóspita.

Talvez até percebêssemos ou reconhecêssemos como são extraordinários em sua luta por sobrevivência; certamente não saberíamos como sua longa história é extraordinariamente rica. Não os conheceríamos, mesmo vendo todo dia.

Impossível não pensar, a cada capítulo, a cada história, “isso daria um filme”. Pelo menos já deu um livro. Você conhecerá personagens incríveis – os inúmeros protagonistas e o fantástico autor de suas breves e ricas biografias. Que a leitura destas páginas amplie seu gosto por ler o mundo.

Soninha Francine é vereadora em São Paulo.

Introdução

Depois que comecei a trabalhar com táxi em 2006, fiz uma promessa para Deus: se eu pagasse minhas dívidas e não batesse o carro e tudo desse certo, eu iria à igreja, em Pirapora do Bom Jesus agradecer, e lá, fiz outra promessa: que eu ajudaria as pessoas necessitadas que aparecessem no meu caminho. Depois desse dia, não parou mais de aparecer gente para eu ajudar, e com elas, muitos anjos da guarda também. Entre essas pessoas que Deus mandava para mim, surgiram alguns cadeirantes que durante anos e anos eu observava nos cruzamentos das ruas de São Paulo. De conversa em conversa, em horas alternadas que duravam o tempo de abertura do semáforo passei a conhecê-los melhor e fui descobrindo suas histórias e necessidades. Traziam marcas de batalhas de anos e anos na busca pela sua sobrevivência. Os mais velhos lutavam sozinhos pelos seus direitos desde os anos de 1960, como o personagem Raimundo Sobrinho, hoje com 82 anos. Outros com a média de idade entre 50 e 65 anos são pessoas que, embora não houvesse ainda a preocupação pontual com inclusão e acessibilidade, já havia um olhar do poder público para a questão. Suas batalhas são diárias e constantes contra o preconceito e o abandono pela própria família. Muitos dos cadeirantes com idade avançada foram vítimas da poliomielite, doença infecciosa viral também conhecida como paralisia infantil, que, antes da descoberta de uma vacina, causou muitas mortes e invalidez dos membros inferiores em crianças e adultos. Graças à vacinação em massa de crianças brasileiras, desde 1990 o Brasil não registra um único caso.

Eu acredito que muitas coisas, hoje conquistadas, sobre os

diretos da pessoa com deficiência, inclusão e acessibilidade vem das lutas diárias travadas pelos deficientes que vivem nas ruas. Recordo-me agora de uma história que me marcou entre os muitos relatos que ouvi. Um de meus personagens me contou uma passagem de sua vida que nunca esquecerá. Estava alegre e radiante por haver ganhado de uma pessoa compassiva uma quantia em dinheiro para comer em um restaurante que sempre sonhou fazer uma refeição. Chegando lá, foi proibido de entrar e houve até chamado da polícia. Por fim, permitiram sua entrada, contanto que ficasse num canto, isolado dos outros clientes. De lá para cá, muitas conquistas foram feitas e leis permitiram integrar a pessoa com deficiência à sociedade, cabendo a nós, sociedade civil, eliminarmos de vez qualquer preconceito e olhar discriminatório sobre eles. Resta muito ainda por fazer e meu trabalho é conhecer essas histórias de vida e publicá-las para diminuir ainda mais o preconceito que persiste por falta de conhecimento.

Este livro é sobre cadeirantes que trabalham nas ruas da cidade de São Paulo e são verdadeiros exemplos de resiliência, determinação, coragem e força. Minha luta é para que conquistem uma vida cada vez melhor, sejam reconhecidos como cidadãos e possa usufruir livremente da cidade de São Paulo como qualquer habitante pagador de impostos.

“O Condicionado” Morador de rua



"Quantas pessoas, chamadas normais, nunca estão satisfeitas e reclamam de tudo! Mas há outras como o anjo Raimundo. Sua cama é o chão, suas roupas são de plástico, o quintal só tem latas e ele me diz que não precisa de nada."

Raimundo Arruda Sobrinho nasceu em 1º de agosto de 1938, na cidade de Pedro Afonso (GO), e foi criado na Fazenda Sol Ferino. Lembra-se apenas do pai de criação, Manoel Arruda. Lembra-se que lhe disseram que levaram o filho legítimo do senhor Manoel Arruda para fora do país e que foi entregue a ele para ser criado.

Segue o depoimento de Raimundo:

“Bom! Eu me lembro bem pouco da minha infância. Estudei o primeiro ano primário numa escola da região, depois me mandaram para ‘um tal’ de senhor Totó no Maranhão, que me matriculou no segundo ano primário, no ginásio do sertão maranhense. Depois de um tempo eu saí da escola porque tinha que usar uma farda como um uniforme e eu não tinha dinheiro. Como ninguém me ajudou, tive que sair da escola. Cheguei até a ir a uma cidade vizinha, chamada Carolina, fiz uma prova e não passei. Bom, concluí o ginásio em 1959. Consegui ajuda do senhor Arruda de Campos, que era irmão de quem me criou, e de um tio, Matias Arruda, escritor, e vim para São Paulo em 1962.

Era o governo de Carvalho Pinto; eu tinha a indicação de uma pessoa que me esperava e que me ajudaria a vir de avião para São Paulo. Chegando aqui fui morar na Vila Madalena, na Rua Purpurina nº. 188. Era um cortiço, e o dono era o senhor Joaquim. Fiquei num quartinho; o senhor Aquinolo Azevedo, que me recebeu, era muito simples, mas era sobrinho de um *sheik* árabe.

Comecei a trabalhar de ajudante de jardinagem com ele. Ele me ajudou muito, me apresentou para várias famílias que cuidava do jardim. Quando dava uma folga ele me levava para conhecer a cidade de São Paulo. Fomos ao zoológico, aos pontos turísticos, cheguei a ir até ao Teatro Municipal, mas só do lado de fora, já estava de bom tamanho. Em São Paulo tudo era lindo, o crescimento bombástico, fiquei admirado com a ciência, as descobertas.

Tentei me matricular num colégio pago, Messias Eduardo Prado, mas não deu certo, era só de dia. Cheguei a ir ao Colégio Castro Alves, mas estudei no Colégio Machado de Assis, o antigo

Liceu, onde fiz do primeiro até o quarto ano colegial. Bom, meu amigo teve que ir embora para cidade de Valinhos. Eu comecei a trabalhar sozinho de jardineiro, batia de porta em porta, dava o meu preço. A maioria concordava, pois eu já tinha indicação do meu amigo, que antes de ir embora conversou com uma dona para que ela vendesse uma bicicleta para eu trabalhar. A bicicleta estava seminova, uma *Monark* aro 28, no valor de oito mil cruzeiros, paguei em quatro vezes de dois mil cruzeiros. Muito me ajudou aquela bicicleta, pois fiquei catorze anos trabalhando na jardinagem. Conheci um químico que me falou que ele ressuscita uma árvore morta, e eu acreditei.

Depois que parei com a jardinagem, fui para a rua vender livros usados; eu tinha no meu quartinho — na verdade, era um grande quarto — com mais ou menos 10 mil livros; lá eu lia muito. Nesse tempo, tentei sair do país e não deu certo. Tentei vender coisas na rua, alumínio e outras coisas, mas não deu certo. Em 1978 caí na rua, virei morador de rua; tive mais de catorze endereços, e acabei ficando aqui, há dezoito anos nesse endereço, Avenida Pedroso de Morais, altura do nº. 1956. Não posso falar que tenho amigos, eu não posso ter apego a eles, meu mundo é outro; as pessoas me pedem para escrever algo com um tema ou uma história, até mesmo um poema, e eu escrevo; às vezes eles me dão dinheiro, às vezes comida. Não falta nada para mim. “Eu sou manipulado por uma instituição desde pequeno, falaram que eu cheguei a morrer quando era pequeno e me ressuscitaram.”

Terminamos a conversa assim. Perguntei a ele sobre Deus. Ele me respondeu que anda lado a lado 50% com Deus e 50% com o Diabo. Senti que esse diabo a que ele se referia era o homem, pois ele disse que é rodeado por falsidades, e que alguns se aproximam para se aproveitarem dele. Disse ainda: “O apocalipse, eu acredito, está perto. Reencarnação, acredito uns 50%, e os outros 50% na ciência, que pode ressuscitar o homem. A vida depois da morte, nessa sim eu acredito. Uma paixão, amo todas as mulheres, mas nunca tive contato com nenhuma.” Perguntei se ele sentia solidão e ele me disse que não.

Disse a ele o meu nome e ele me contou de Eugênia Câmara, que tinha empresas de teatro. Terminou falando que o homem pode ressuscitar como as plantas, por estacas, e que a ciência é magnífica, e que Deus deu essa sabedoria ao homem. Eu agradeci com um aperto de mãos. Disse a ele para ficar com Deus e que ele serviu para limpar a minha alma, o meu passado. Ele deu apoio a meu futuro livro e achou *Anjos da rua* um bonito título.

Fui em direção ao meu táxi, agradecendo a Deus, que sustenta até os vermes. Ele não deixa ninguém desamparado; nós é que o abandonamos, e por muitas vezes deixamos de acreditar nele, mas Ele está sempre dentro de nós. Eu acredito que somos rodeados por anjos, vigiados por anjos, e que nenhuma atitude nossa passa despercebida.

Com humildade e fé em Deus, entramos e saímos de qualquer lugar. Muitas vezes, estou na casa de um milionário, conversando de igual para igual, e na volta para casa, paro no espetinho de churrasco, no meu bairro. Às sextas-feiras, tomo minha pinga de milho e como um churrasquinho, converso com todos, fico vendo o movimento dos colegas; a polícia às vezes passa rasgando atrás de um motoqueiro, vejo vários movimentos ao mesmo tempo; medo, hoje não tenho mais, não faz mais parte do meu dicionário essa palavra. Hoje, Raimundo faz parte da minha vida, com seus olhos pequenos, seus cabelos enrolados, suas roupas de saco de lixo, seu corpo encurvado, as unhas cheias de terra. É um grande ser humano.

Ele me disse que não precisa de nada. Imagine nós, que só reclamamos de barriga cheia e nunca estamos satisfeitos com nada, mesmo tendo tudo.

Temos muito a aprender com essas pessoas quando não as julgamos. Vamos nos dar essa oportunidade. Ele me deixou um poema que diz assim:

“O pensamento é a ponte entre o autor e o leitor”.

Todo autor se mata, procurando com o que agradecer o leitor.

Qual a porcentagem mundial de autores a realizarem-se concretizando este sonho?

A história do engraxate Luizinho



"Quantas pessoas ingratas e mesquinhas andam em meu táxi! Mas, por outro lado, há o anjo Luizinho: quantos sapatos ele tem para engraxar; e faz isso sem reclamar, porque ama trabalhar."

Luiz Carlos Coutinho Simões nasceu em 8 de novembro de 1959, na cidade de Ipaussu, próximo a Ourinhos, no estado de São Paulo. Teve paralisia infantil, é engraxate há 39 anos e mora no bairro de Morro Grande. Trabalha na Praça Melvin Jones, n.º. 3, perto do Viaduto da Lapa. O maior sonho dele é ter uma casa própria.

Eu fui mais do que abençoado por conhecer o engraxate Luizinho. Sempre que passava pela região do bairro da Lapa, próximo ao viaduto, eu o via lá, no chão com sua cadeira de engraxar sapatos. Pensava que ele seria mais um personagem para o meu livro. Apresentei-me, falei-lhe sobre o meu projeto e que estava ali não para me beneficiar da sua situação, mas que, se desse certo, todos nós iríamos nos beneficiar. De imediato me disse que tinha a sua história em DVD, que ele vendia por R\$10,00 para ajudar na renda.

Essa é a história que Luizinho relata, é uma história de lutas e desafios:

“Tive paralisia infantil com 1 ano e 8 meses. Meus pais, inocentes, me levaram para a farmácia para tomar uma injeção, eu estava com febre alta, mas não tinham noção do que era aquilo. Na época, meu tio Miguel, que morava em São Paulo, foi me ver e me trouxe com urgência para o Hospital das Clínicas, onde fiquei com a equipe do doutor Sérgio. O médico olhou os exames e disse: “Pode deixar que agora Luiz ficará uma temporada por aqui.” Depois, meus pais vieram para São Paulo, e começou a batalha. No total foram doze cirurgias, e dizem que implantaram no meu corpo três nervos de carneiro. Depois, os médicos falaram que seria difícil que um dia eu pudesse andar; foram colocados aparelhos, mas eu não me adaptei. Tirava-os com raiva, não gostava daquilo. Aos poucos, fui me adaptando e comecei a caminhar, não com as pernas, mas com as mãos.

Fui para a rua com 8 anos. Guardava carros, olhava os carros das pessoas que paravam no Mercado da Lapa. Muitas vezes a FEBEM (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor, hoje Fundação CASA — Fundação Centro de Atendimento Sócio educativo ao Adolescente) passava a ronda e me recolhia. Um dia, um policial viu

que eu só queria trabalhar e me deu uma caixa de sapateiro. Ele me aconselhou a sair da rua e a ser engraxate. Mesmo com todas as dificuldades, com as pernas paralisadas, eu comecei a trabalhar. Pedi para o dono do bar se eu podia pôr a cadeira, ali, na calçada e ele autorizou. E lá estou há 39 anos.”

“Convivi com meus pais até os 23 anos. Meu pai morreu faz 18 anos e minha mãe há 5 anos. Foram bons pais, fizeram o que puderam por mim. Na infância, jogava bola com as mãos, fazia de tudo, como qualquer criança. Em algumas coisas eu tinha mais dificuldade, mas me esforçava e fazia tudo o que podia. Estudei e concluí o 2º grau. Bem, casei-me com Luci; eu morava no mesmo quintal que ela, e quando seus pais saíam para trabalhar ficávamos juntos. Ela era menor de idade, e quando os pais dela desconfiaram foi até um choque. Eles a alertaram: ‘Você vai sofrer preconceitos junto com ele. Ele é deficiente, e você passará por várias situações constrangedoras.’ Ela bateu o pé e disse que queria ficar comigo. Bem, casamos e fomos morar na casa da minha sogra para não pagar aluguel. Nunca tive preguiça de trabalhar. Tivemos quatro filhos, e eu sentia que Deus me dava mais força para continuar. Eu me dava super bem com minha sogra, ela foi mãe e sogra, me ajudou muito. Passei por muitos apuros na vida, sofri muitos preconceitos. Muitas vezes, as pessoas atravessavam a rua com medo de dar de cara comigo e eu pedir algo para eles. Se eu ligasse para preconceito, deixaria de viver a vida, me trancaria em casa e não sairia nunca mais. Mas também passei por muitos bons momentos.

Minha luta é esta: acordo às cinco e meia da manhã, faço café, me preparo antes de sair de casa, amarro vários panos no meu joelho e nas pernas, pois eu quase me arrasto para andar; meu apoio são as mãos, e nelas eu ponho um chinelo para não machucá-las; agradeço a Deus por mais um dia de luta e pela força que Ele me dá; ando uns trezentos metros, pego uma condução, do meu bairro até a Av. Edgar Facó, em Pirituba; desço na Marquês de São Vicente, passo pela praça onde plantei e cuido de umas roseiras; às vezes recolho o lixo jogado pelas

peessoas, depois pego mais uma lotação, que às vezes me deixa bem perto do trabalho. Chego sempre às sete horas. Graças a Deus tenho muitos clientes; só quando chove é que cai a clientela. Trabalho até às 16h da tarde e, no final do trabalho, amarro minha caixa com uma corrente e cadeado próximo da lanchonete. Volto para casa às 20h. Já fui chamado para dar umas palestras que me ajudam muito. Eu não reclamo de nada, amo o que faço, tenho motivos para continuar a vida, a luta. Eu tenho muitos amigos.

Minha esposa e eu vivemos muito bem durante anos, mas comecei a notar que ela estava mudando comigo, algo estava acontecendo. As pessoas comentavam, tentando me alertar. Minha sogra também notava o comportamento dela, e aí veio a notícia de que ela estava me traindo com um rapaz do bairro que não era boa pessoa, mexia com drogas e roubava. Eu me separei e quis ir embora, mas meu sogro e minha sogra mandaram embora a própria filha. Era sinal de que eu era uma boa pessoa. Ela foi morar com o rapaz, mas ele batia muito nela, e logo ela engravidou dele.

Eu continuei minha luta, criando minhas filhas com a ajuda da minha sogra-mãe. Logo veio a notícia de que minha ex-esposa estava com AIDS e grávida de um menino. Em pouco tempo ela estava pele e osso. Seus pais, sabendo da situação, conversaram comigo e disseram que queriam ajudá-la. Então, eu a aceitei, mas não voltei a conviver com ela, era só um apoio, pois a criança não tinha culpa de nada. Mateus nasceu e ela morreu em seguida. Eu, ali com uma criança em meus braços, um anjo inocente, filho do pecado, não pensei duas vezes e o adotei como meu filho. Tenho por ele o mais puro sentimento e, por Deus, ele não contraiu a AIDS, não tem o vírus. Na época, a Priscila, minha filha de 15 anos, me ajudou como se fosse mãe dele.

Minhas filhas nunca tiveram vergonha de mim. Quando arrumavam um namorado já falavam do meu problema para ver a reação dele; se não tinham preconceito, elas namoravam. Meus filhos têm orgulho de mim, falam que eu sou pai e mãe. Mateus foi crescendo e não

escondemos nada dele. Como Deus escreve certo em linhas tortas, ele é meu melhor amigo. Hoje ele tem 14 anos, e nunca me perguntou sobre a minha doença, ou por que eu sou diferente; nunca me questionou, nunca teve vergonha de mim, pelo contrário, tem orgulho deste ‘pai.’ Fala que quer ser jogador de futebol para ganhar muito dinheiro para me ajudar. Diz coisas lindas que nem minhas filhas falam para mim. Tem gestos de carinho e palavras de gratidão. Ele é mais que um filho legítimo; é filho de Deus, um anjo que caiu do céu; refere-se a mim como pai, sem vergonha nenhuma; ele é a minha maior joia. Através desta bênção de Deus, eu já consegui perdoar minha ex-esposa do adultério. Por causa da traição dela, eu ganhei o maior presente do mundo: Mateus. Tenho três meninas e dois filhos homens, incluindo Mateus.

Deus? Acredito em cem por cento nele, Ele é tudo.

Religião? Sou católico e conheço a Seicho-no-ie.

O mundo? Se não fosse a corrupção, tudo seria melhor.

Apocalipse? Acredito que está perto.

Reencarnação? Acredito. Eu acho que estou aqui para pagar um pecado de outras vidas passadas, mas não reclamo.

Amigos? Graças a Deus tenho muitos.

Sonho? É minha casinha própria”

Pensamentos de Luizinho

Um simples mergulho que a pessoa faz dentro do próprio coração é capaz de resgatar tudo aquilo que se perdeu com o passar do tempo e com as feridas do caminho percorrido.

Se você desistir de lutar contra as ondas gigantes do mal, o naufrágio será inevitável. Confie no poder daquele que guia o seu barco e tenha coragem para banir o sofrimento.

A felicidade pode ser alcançada por qualquer pessoa, pois ela está dentro de cada um. Procurar no outro um grande motivo para viver? Grande ilusão! Cada relação é diferente da outra; e se você já se

decepcionou e teve conflitos em relações pessoais, precisa compreender que a próxima será de outra maneira. Cuide melhor do seu semelhante.

Se a insatisfação, gerada pela partida de alguém querido tomar conta do seu peito, desfaça-se dela com urgência, pois a vida continua para todos — aqui na Terra ou em outro lugar.

O equilíbrio interior está na capacidade de se deixar levar pelos movimentos mais simples da vida, tal como um barco que se entrega às vontades mais sublimes das marés.

O começo da sabedoria é o silêncio. Aprenda a escutar o que as pessoas têm para dizer, pois é assim que se aprende. Só é sábio quem consegue calar, escutar e refletir.

A pessoa que erra não deve ser tratada com desprezo e sim com carinho e apoio. Dessa forma, ela pode se reerguer e reparar as oportunidades perdidas. A culpa fere.

Fiquei dois dias sentado ao lado de Luizinho, conversando, olhando para os seus olhos, na mesma altura, de igual para igual. Senti uma força muito grande nele, uma vontade de viver, uma lição de vida. Ele não reclama de nada, pelo contrário, ele só agradece. Foi mais um anjo que encontrei na rua. Ele poderia ficar só pedindo dinheiro no farol, se quisesse, mas não, ele trabalha; tem orgulho do que faz, tem dignidade, é cidadão.

Se alguém quiser ajudá-lo, pode ligar para o dono do bar 11-3832-8421, para deixar pago um lanche ou um café. Ou para a loja de couro onde ele compra o material de trabalho. Podem ajudar na reforma de sua cadeira, ou presenteando-o com um guarda-sol, um tratamento para seus dentes ou mesmo para ele fazer uma palestra, etc. Mais uma vez agradeço a Deus por colocar esses personagens no meu caminho.

Conversando com Débora



"Quantas pessoas tristes eu encontro, mas tive o prazer de conhecer Débora: a guerreira, que leva a vida normalmente, namora e vai para a balada - "não 'to' nem aí com nada'."

Débora Bispo Soares nasceu em 19 de janeiro de 1978, na cidade de São Paulo. Mora no fundo de um estacionamento, no bairro da Lapa. Ela teve paralisia infantil, o que a deixou presa a uma cadeira de rodas.

Liguei para Débora, pela primeira vez, num domingo, às onze horas da manhã. Ela quase me xingou, porque estava dormindo. Liguei novamente às duas horas da tarde, e ela atendeu com voz de sono. Fui até o local onde ela morava, no fundo de um estacionamento, em um quartinho de um por dois metros onde paga aluguel; lá só cabe uma cama e a cadeira de rodas.

Ela ainda estava dormindo. Pedi licença, entrei, apresentei-me e ela me disse que estava cansada, que eu voltasse outro dia. Desculpei-me e perguntei se queria algo; ela respondeu que queria uma *Fanta* Laranja e algo para comer. Fui até a lanchonete, comprei o que ela me pediu e combinamos de nos encontrarmos no bar em que ela almoça. Pedi uma gelada e fiquei aguardando. Depois de meia hora ela chegou à lanchonete, onde era conhecida, e todos brincavam com ela. Ela pediu o almoço e comeu com muito gosto; tomou um pouco da minha gelada e, no final, eu acertei a conta com o maior prazer. Disse-me que tinha ido à balada e que foi dormir às três da manhã. Contou que estava quebrada e que paquera e beija muito, que aproveita a vida e é feliz, que tem gente pior que ela, gente que nem levanta da cama. Falou que tem alguns sonhos, mas que se não conseguir realizar não deixará de viver. Disse também que Deus é seu melhor amigo e que, se não fosse ele, nós não estaríamos bebendo, comendo e conversando. Ela acredita que nada é por acaso. Vi que essa “mina” é muito legal.

Esse é o depoimento dela nessa ocasião:

“Minha mãe era viciada em bebida alcoólica, não cuidava de mim. Eu não tinha os cuidados necessários. Até um ano e oito meses eu era sadia e gordinha. Minha mãe não havia me vacinado contra a paralisia infantil, me deixava aos cuidados de outras pessoas; uma dessas pessoas era outra que não cuidava direito de mim; sua casa era feia e

escura, e ela me deixava dormindo no chão, só de fralda. Uma senhora que trabalhava nessa casa e, ao lavar a louça, deixava a água escorrer pelo chão e encharcar meu corpo inteiro, uma criança, ou seja, um bebê pequeno, indefeso e frágil que estava ali, todo molhado por horas e horas. Eu já estava com a poliomielite, ou seja, paralisia infantil. Certo dia, minha mãe bateu à porta de uma senhora chamada Edna; ela cuidava de crianças há algum tempo; estava chovendo muito e a dona Edna ficou comigo no colo. Minha mãe pediu para ela tomar conta de mim e disse que à noite ela viria me buscar. Nunca mais minha mãe voltou para me ver ou pegar.

Isso aconteceu logo no começo da doença, e dona Edna, que seria minha mãe de criação, notou que eu não tinha os movimentos das mãos e dos bracinhos, eu nem conseguia segurar a mamadeira. Na dúvida, ela deixou passar; pensou que eu não queria segurar, porque estava sem fome. Então percebeu que eu não tinha firmeza nas pernas e correu para Santa Casa. Depois de alguns exames foi confirmada paralisia infantil. Todos ficaram inconformados; eu era tão gordinha, e os comentários eram de que eu nem teria firmeza de ficar sentada, só mexia os olhos.

Os médicos pediram para dona Edna fazer exercícios comigo, na região das pernas. Minha mãe agora era ela. Ela colocou um tijolo na minha fralda, amarrou nas minhas pernas de maneira que elas pudessem ficar eretas. Um belo dia minha mãe (quando eu falar mãe é a minha mãe adotiva que é mais do que mãe para mim), bom, minha mãe estava lavando roupas no tanque quando ouviu um barulho e correu para olhar, e de repente deu de cara comigo; ela conta que eu descii da cadeira sozinha e fui me arrastando até a sua direção; eu ainda completaria dois anos; ela me abraçou e ficou super contente, já deu para sentir como eu seria sapeca. A partir daí senti minha liberdade; fui crescendo, aprendi a fazer todos os serviços domésticos; mesmo me arrastando fazia de tudo em casa, lavava, passava e fazia comida. Eu brincava de igual para igual com as outras crianças; minhas amiguinhas não tinham preconceitos comigo e nem as pessoas

ao meu redor. Mas eu tinha vergonha de mim mesma por isso não saía na rua, nunca. Mas em 1996 decidi ir para rua conhecer o asfalto, as pessoas e me conhecer. Fui para o farol vender balas de goma, sentada em minha cadeira de rodas, na Avenida Marquês de São Vicente, próximo ao viaduto da Lapa. Carros e carros que vão e vêm, sinal fechado, balinhas vendidas; depois de muito trabalho ‘pinta’ uma nota de cinquenta reais; meus olhos brilhavam: ‘Obrigada, motorista’, e ele se foi. Bem, eu também sou filha de Deus, me dei o privilégio de comer em uma churrascaria; só não sabia o que aconteceria logo na entrada da churrascaria: eu fui barrada por um segurança — preconceito para mim é não me aceitarem onde todos podem entrar — mas minha salvação foi o gerente: ‘Senhor, eu só quero comer, gastar meus cinquenta reais’; e nada de resolverem meu problema; meu não, deles. Graças a Deus chegou o dono da churrascaria, veio ao meu encontro, pediu desculpas, demitiu o funcionário e me acompanhou para dentro. Conclusão: almocei de graça sem medo de ser feliz.

Eu, com os meus 31 anos, já sofri muitos preconceitos, mas não levo desaforo para casa se estiver nos meus direitos, não dou ‘mole’, enfrento quem me rejeita, chamo a polícia, processo, corro atrás dos meus direitos. Uma vez comprei um produto para emagrecer — não é fácil manter um corpinho, sentada catorze horas em uma cadeira de rodas — fui até o local para comprar o produto; na recepção, a moça ligou para a vendedora trazer o produto porque o elevador estava quebrado. Nesse intervalo, um senhor que dizia ser o dono, ordenou que eu saísse e fosse embora, mas eu já tinha pagado e não fui embora; o senhor chegou a me agredir e me empurrou para fora; daí eu abri um boletim de ocorrência. É assim que eu supero os preconceitos e vou levando a vida; sou bem-humorada, boa de lábia e sapeca.

No farol, tudo começou aos 18 anos. Eu caí no mundo, fui para rua ainda sem saber o que fazer, foi aí que um amigo me deu a primeira caixa de balas para eu vender no farol da Avenida Santa Marina. Fiquei por cinco anos vendendo balas e me arrastando na rua, e depois

nunca mais saí da rua, perdi a vergonha e me descobri. Depois, uns amigos me chamaram para mudar de endereço de trabalho, fomos para Rua Hermano Marchetti com a praça Jácomo Zanella. Eles acabaram indo embora, e eu fiquei sozinha, e por eu estar ali há doze anos sou conhecida como “Débora Guerreira”. Fiz muitas amizades no farol, e mudava as mercadorias às vezes, conforme a data, o tempo. Nublado, vendo pipoca, no frio, bala de goma, com sol forte, vendo água e suco. Tem dia que ‘chuto o pau da barraca’, vou a uma loja em frente, compro uma caixa de canetas e vendo tudo. No Dia das Mães resolvi vender panos de prato com bordados; no final do dia vendi tudo — dezoito panos; meu prazer é que eles chegassem para as mães daquelas pessoas. Fora as brincadeiras que faço com as pessoas: experimento óculos deles, dou um elogio, brinco com eles, é muito bom. É raro as pessoas que não me dão atenção; a maioria me adora e de tanta amizade, e às vezes intimidade, eu ganhei de um anjo da guarda uma cadeira motorizada mais ou menos no valor de seis mil reais. Foi quando eu mostrei para ele a receita do médico que prescreveu uma cadeira motorizada; que bom, lá estava ela, minha cadeira de rodas. Parecia um sonho, mas era real. Eu já tive mais de vinte cadeiras convencionais, todas doadas, elas não aguentam as ruas esburacadas, calçadas sem guias baixas.

Em média, por dia fatureo R\$40,00 mais um salário do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) — auxílio-doença — com esse dinheiro eu como, tomo café, pago minhas dívidas, e se sobra eu vou à cabeleireira e ainda pago aluguel do meu quatinho, dentro de um estacionamento. Mudei para lá para ficar mais perto do meu trabalho; todos os dias eu atravesso a ponte da Lapa, vou e volto mais ou menos quase um quilômetro, só de ida; e ainda tenho que ajudar minha filha, eu não podia deixar de falar no bem mais precioso que Deus me deu.

Tive muitos amores e desamores, namorei um que foi por interesse, não meu e sim dele; eu comprava muitas coisas para ele — celular, roupa e cheguei até a dar dinheiro — mas caí fora. Depois um que me trocou por outra. Depois foi um morador de rua que não me

deu valor e também me trocou por outra; ele chegou a ser preso e eu fui até ao fórum, e pedi para o juiz ajudá-lo, mas ele só amenizou o caso; e depois de solto foi preso novamente e eu fui visitá-lo na cadeia, e descobri que tinha outra por lá.

Outro que eu amei e depois detestei, odiei, foi o que me deixou o maior tesouro — minha filha. Eu estava na Praça da República com um enorme barrigão, vendendo mercadorias; no final do dia senti contrações, chamei um rapaz que passava e ele me levou para o hospital, novamente na Santa Casa; eu estava parindo, dia 9 de maio de 2001: nasceu minha filha Sara. O impossível acontece; eu cresci pensando que nunca poderia ser mãe, agradei a Deus por ela nascer perfeita; foi a maior emoção da minha vida. Minha mãe ajudou a criar minha filha, porque onde eu moro, no quatinho, não tem condições dela ficar comigo, eu a vejo nos finais de semana; hoje ela tem 9 anos, estuda e me apoia muito, e eu ajudo a pagar a escola para ela e lhe dou o material escolar. E o principal, acompanhei todas as vacinas da minha filha; o pai dela não quis assumir a paternidade e sumiu. Eu fui e sou pai e mãe; fiz tudo o que uma boa mãe faria, dava banho, trocava, fazia dormir e a aquecia no meu colo. Ela se parece comigo; só sou diferente por causa dos meus *piercings* nas sobrancelhas, mecha no cabelo, estou na moda.’

Tenho vaidade como qualquer mulher: sinto frio, calor, tesão, amor, sonhos, caprichos, só não tenho muito dinheiro para ter todos esses prazeres, mas quando sobra um pouco vou para o salão de beleza e me realizo, porque se eu andar suja, ninguém vai olhar para mim. Eu sou feliz, muito feliz.

Sou fã do cantor Belo, faço loucuras para ir aos shows dele, já fui a um show dele com a minha cadeira motorizada, sozinha, e no meio daquela multidão, ele ecoava o meu nome, sonho realizado. Amo o Netinho e o Ratinho do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Ainda realizarei meus sonhos: ‘A gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão e balé, a gente quer viver a vida como a vida é.’ (referência à música Comida dos Titãs).”

Se alguém quiser ajudar a Débora ligue para ela: (11) 39210503, ou passar lá, no farol da Av. Hermano Marchetti com a praça Jácomo Zanella, depois do Viaduto da Lapa para falar um “oi”.

Fique com Deus, meu anjo Débora. Vou rezar por você e pela sua filha Sara. Mais uma batalhadora, uma lição de vida. Se você ainda está reclamando da vida, não é feliz, não encontra a felicidade, saia da toca e vai ajudar as pessoas, vá doar carinho, uma palavra amiga, um abraço apertado. Vai ver se ela precisa de um reparo na cadeira de rodas, uma manutenção, um corte e escova ou uma tintura no salão de beleza, ou um perfume, um batom. Eu também não fazia nada para ninguém e ainda falava mal das pessoas; entre piadinhas, ainda debochava. Hoje, eu ganho muita caixinha e divido com eles no farol, e tudo que eu ganho, 20%, eu dou. Gosto de ser autêntico, diferente dos meus colegas da categoria, não pego corredor quando vejo outros táxis na minha frente, saio fora, não sou fominha, tudo isso de uns tempos para cá. Se fosse antes, eu seria outra pessoa. Minha vida começou aos 40, hoje tenho 43 anos, ainda estou aprendendo. Muito obrigado, Deus.

A história de Cláudio



*"Pessoas terminam o casamento por motivos banais,
mas Cláudio, vive uma bela vida com a esposa que lhe diz:
'Paixão, você é o homem da minha vida!'"*

Cláudio Roberto Gonçalves nasceu no dia 17 de agosto de 1959, na cidade de Uberlândia, em São Paulo. Trabalha na Avenida Gastão Vidigal, próximo à praça Apecatu e do CEAGESP (Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo), na Vila Leopoldina.

Minha primeira abordagem foi no farol onde ele trabalha. Eu me agachei, me apresentei, falei do livro, da minha intenção. Ele já foi falando que tem cinco filhos, e eu vi a carência e a necessidade de ser ajudado. Na segunda abordagem, eu o encontrei no bar, onde comemos e conversamos um pouco. Ele mora num corredor, no posto de gasolina que fica perto do seu trabalho. Lá só cabe a cadeira e, como não pode se locomover, não tem cama, dorme sentado em sua cadeira de rodas. Deu-me a ideia de gravar a sua história num desses gravadores pequenos. Assim eu não perderia muito tempo. No feriado de 25 de janeiro de 2011, fui trabalhar e o dia foi ótimo. À tarde, Cláudio me ligou e pediu que eu levasse sua família para Barra Funda. Disse que pagaria a corrida. Eu respondi que dessa vez não precisava pagar. O que eu presenciei foi mais do que pagar a corrida: lá estava ele com sua linda família — três meninas e a esposa. No total são quatro filhas e um rapaz. Eles carregavam muitas malas, pois ela voltaria para Capão Bonito; veio para São Paulo só para visitar a família e a ele. A despedida foi emocionante. Ela deu um beijo nos lábios dele e disse que o amava; depois, de dentro do carro, falou que ele era o homem da vida dela. Eu achei linda aquela cena, foi de coração. No caminho ela foi conversando comigo e fazendo só elogios a ele. Ela tem 35 anos e ele 50; ela disse que se formou e trabalha na prefeitura da sua cidade. Fiquei bobo, uma família bonita e unida, unida pelo amor e por Deus.

Este é o depoimento de Cláudio:

“Quando nasci, eu era um bebê normal, como milhões de crianças, cercado de amor e carinho apesar das muitas dificuldades, pois éramos muito pobres. Com três meses, as coisas começaram a mudar; uma febre forte — ‘Deixe para lá, logo passa.’ Passou um dia, dois, três, e

aí começou a complicar. Minha mãe entrou em contato com uma moça, em São Paulo, explicou o fato e a moça comentou com sua patroa; passou o dia e quando chegou à noite a patroa dela pegou um dinheiro de passagem e mandou me trazer para a capital. Minha mãe, mesmo contra a vontade, me mandou para cá. Aquela senhora me encaminhou logo para o hospital, pois ela era administradora do hospital, um ótimo hospital particular, exames e mais exames; foi constatada poliomielite (paralisia infantil). Deram a vacina, mas nada adiantou, a doença já estava avançada. Entrei no soro e tinha que ficar imóvel, mas falaram que eu não parava de me mexer, toda hora saía a agulha, eu era um bebezinho. O médico falou para moça que me acompanhava: “O nenê já está todo furado, mas precisa tomar um litro de soro, ele tem que ficar imobilizado durante 24 horas, caso contrário, ele corre o risco de morrer”. Com muito custo passou aquela fase crítica. Depois ficou a polêmica: me mandavam para Minas Gerais de volta ou eu ficava em São Paulo, em tratamento? A senhora se propôs a ficar comigo. Com 4 anos de idade eu fui internado num centro de reabilitação para pessoas com deficiência física; no centro, só tinha garotos; tive uma infância normal; comecei a ter consciência do meu estado com 8 para 9 anos; comecei a brincar, conversar com as pessoas, até então eu não tinha condições de nada. As atendentes arrumavam a gente todos os dias e íamos para a escola; quantas vezes eu recusava que me trocassem; fazia manha só para ter um chamego; às vezes escapava delas e dava risadas, tínhamos terapias ocupacionais, muitas atividades, reabilitação; passei um bocado de coisas ruins e coisas boas; fui submetido a muitas operações na Santa Casa de Misericórdia. Lembro-me da ala infantil, havia muitas crianças pelos corredores, e eu ficava com medo, sabia que logo viria outra cirurgia e doía, doía muito; operavam meus pés, minhas mãos; tinha que dormir só de um lado, etc. Sempre insistiram que, na minha vida, teria que enfrentar as adaptações; sempre havia coisas novas na sala de operação; eles enrolavam a gente com conversa para a gente se distrair, o anestesista ficava atrás da gente,

logo vinha o éter, ficávamos meio grogues, eu não gostava do cheiro, às vezes tentava relutar para não cheirar aquilo, mas vinha um apagão, e quando acordava já estava operado, na cama. Depois de uma semana a gente ia para a enfermaria tirar os pontos. Aí vinha uma maquininha para tirar o gesso, depois fisioterapia; não tinha como fugir, era a realidade, e infelizmente não tínhamos a visita de parentes. Como eu ficava esperando, olhando no corredor se vinha alguém me visitar e nada... Eu ficava muito triste, pois algumas pessoas visitavam seus parentes e passava no nosso quarto e faziam uma visita para nós também, nos adotavam por alguns minutos, brincavam, conversavam e logo iam embora, em seguida, batia uma solidão e uma carência de família terrível. No total desse vaivém, eu fiz 41 operações; muitas vezes eu rezava para o médico não aparecer: ‘tomara que o médico não venha hoje, ou mesmo cancele a operação’, mas mais cedo ou mais tarde não tinha como escapar; já passou; o pior já passou.

Na escola, aos 10 anos eu tive sorte, pois uma professora se identificou comigo e se prontificou a me ensinar, eu não sabia ler nem escrever nada, e ela foi me ensinando aos poucos, com muita paciência. Outro medo era do dentista e não tinha como escapar; eu morria de medo. Como sofri na mão dele. Nem eu nem ele tínhamos culpa, tinha trauma, até hoje tenho. Na escola, fazíamos alguns passeios, isso era o melhor de tudo; íamos ao Parque do Ibirapuera, excursão em algum espaço cultural, etc. Com 16 anos comecei a trabalhar com administração, no centro da cidade; o setor cuidava de muitas coisas: material que quebrava, incluía a cozinha, o pessoal da limpeza, recepção, era uma responsabilidade. Fiquei por lá uns três anos, depois arrumei um emprego numa empresa americana, tinha que levar marmita; um dia, quando a abri para comer, a comida estava com um cheiro ruim, peguei trauma, durante os seis meses que trabalhei lá eu não comia quase nada, saía às cinco da manhã, colocava o aparelho nas pernas, pegava o ônibus. O aparelho me prendia, às vezes doía muito, em alguns lugares eu tinha mais dificuldade de andar, degraus, calçadas irregulares, corria o risco de

cair, mas logo me adaptei. Com a cadeira de rodas foi melhor: não precisava das pessoas para ficar me apoiando, me ajudando; eu caía muito com o aparelho, e sempre machucava muito minha cabeça, eu não tinha o apoio das mãos, e às vezes caía de cara no chão. Vamos falar um pouco de coisas boas, eu ia para ‘zoeira’ com os amigos, com as meninas do trabalho, barzinho, boteco, baile, curtir um pouco. Com 23 anos eu saí de vez do centro de reabilitação e fui para Minas Gerais. Chegando lá vi aquela senhora — era minha mãe. Era estranho, ela tinha um comportamento meio esquisito, era seca, às vezes não conversava comigo, eu nunca gostei de pessoas que um dia são uma coisa e no outro dia são outra.

Não conseguia conviver com ela; eu sonhava em voltar para São Paulo. Bem, não arrumei nada em Minas para fazer, nem trabalho, nem carinho de mãe, poucas amizades, a única atividade era assistir TV e minha mãe reclamando o tempo todo que gastava muita energia; eu estava incomodando; às vezes ia ao portão, ficava olhando as pessoas passarem... aguentei o ‘tranco’ por dois anos. Tinha um amigo que me ajudaria com o dinheiro para comprar a passagem até São Paulo de volta; eu não tinha medo, não tinha nada a perder. Retornei a São Paulo com uns trocados no bolso e fui parar na Praça da República; eu nunca tinha pedido dinheiro, seria minha primeira vez; eu demorei três horas para criar coragem e pedir esmola; era necessário; enfim consegui, e com a grana, comprei caixas de balas para vender. Nos dois anos que fiquei por lá criaram-se algumas histórias. Eu morava num hotel, no bairro Ana Rosa, e quando saía para trabalhar, o homem do hotel deixava tudo arrumado, roupas lavadas, tudo bem arrumado; quando eu chegava, pagava a diária, subia, tomava banho e ia dormir. Acordava às cinco da manhã, me arrumava, descia para rua e sempre pedia uma ajuda para me levarem para o metrô ou até a esquina. E, chegando ao metrô, eu tinha um privilégio: lá havia funcionários treinados para acompanhar gente como eu em tudo que fosse preciso; é realmente um dos únicos órgãos que funciona com eficiência.

Na chegada, no centro, já tinha outro funcionário que vinha me ajudar às 6h30min. Era lindo ver o dia amanhecer, logo começava o meu trabalho, eu ficava na Praça da República até às 21h; todo o dia era a mesma coisa. O bom é que eu tinha a oportunidade de ir conhecendo novas pessoas; um dia conheci um senhor que passava pela calçada; começamos a conversar e criamos uma boa amizade; com o tempo ele sabia tudo do meu dia a dia e começou a me ajudar; se a cadeira quebrava, ele mandava arrumar; quando eu faltava por causa da chuva, ele chegava até a ir ao hotel, e pagava minhas diárias. Eu ficava aliviado. Era um anjo que caiu na minha vida. Havia também uma senhora que sempre me dava comida, algo de bom, um apoio também.

Por anos passei por dias de frio, muito frio na rua, trabalhando, e graças a Deus nunca fiquei doente, nem gripe eu peguei, outros anjos apareciam — dentistas, médicos que ajudaram, fora roupas que eu ganhava, cobertor, etc. É, eu tinha que ter razão para continuar na rua. Na época, eu tinha uma madrinha que se preocupou comigo. Ela não queria que eu ficasse na rua, queria me levar para uma entidade, um lugar mais seguro, com médicos e um acompanhamento de perto, mas eu não queria; ela insistiu, era uma entidade inglesa com toda infraestruturura. Eu fui lá só para conhecer; aí pensei no que ela falou: ‘Hoje você está bem, e amanhã se você estiver ruim de saúde, quem vai cuidar de você?’ Pensei e resolvi ir para lá. Lá eu tinha meu quarto, podia entrar e sair a hora que eu quisesse, conversava com as pessoas, tinha tudo que eu quisesse. E, duvidem, até cheguei a ir para Inglaterra através da entidade, até inglês eu aprendi, foi uma boa temporada.

E ainda, na volta para casa em que fiquei, tive a oportunidade de conhecer uma menina bem mais nova do que eu, e surgiu uma oportunidade através da instituição: eles tinham um terreno enorme com uma casinha nos fundos e precisavam de alguém para olhar o terreno onde começaria uma obra. Era por poucos meses; então me prontifiquei a ficar lá só com uma condição, levar aquela menina

sapeca comigo; tudo bem, mas tive que pedir para os seus pais que já não tinham outra saída, pois eles já não sabiam mais o que fazer com ela. Ela dava muito trabalho para eles.

Tudo certo e combinado, fomos para lá; foi uma batalha, ela não sabia fazer nada, o que seria só alguns meses foram mais de três anos, e tivemos o primeiro filho, foi a minha maior felicidade. Um homem, uma criança sadia, nasceu no HU – Hospital Universitario da USP (Universidade de São Paulo).

Nessa entidade, na volta, eu achava tudo já muito rotineiro, tinha minhas regalias, mas queria mais, estava faltando alguma coisa, então comecei a especular a rua, se podia fazer algo lá fora que nunca ninguém da casa pensou em fazer. Daí surgiu uma ideia: eu precisava ir para rua fazer algo, mas não tinha como me locomover, vi uma caminhonete na rua com uma carroceria de madeira toda velha, eu pedi uma carona até a Avenida Jaguaré; algumas pessoas que passavam me ajudaram a subir no carro, cheguei próximo a um farol e por sorte era um ponto ótimo; lá eu comecei a vender minhas balinhas.

Chegou o fim do dia e eu tinha que voltar para a instituição; consegui uma carona de volta e, chegando em casa eu tinha uma grana boa no bolso, mostrei para alguns colegas da instituição e eles não acreditaram; foi assim que eu fui para o farol novamente. Meus amigos pensaram que eu desistiria, porém cada vez mais eu me animava; cheguei a comprar um aparelho de som de última geração na época; todos gostaram.

Eu fumava e a cada dia tinha um isqueiro diferente, etc. Vi que a vida era muito mais do que ficar ali, naquela instituição; a liberdade era maior que tudo que eu tinha por lá. Resolvi correr atrás dos meus ideais, mesmo abandonando todo o conforto que eu tinha. Eu tinha que fazer a minha parte, mostrar que seria capaz; mesmo com as minhas limitações, saí da instituição e fui de vez para rua, onde estou há 27 anos. Quantas coisas viriam a acontecer? Logo arrumei um cantinho, próximo ao meu novo emprego; eu tinha que morar perto do meu trabalho; tudo foi dando certo; sei que na vida precisamos de

paciência em tudo, sem paciência a gente não consegue nada. Em quase trinta anos na rua eu não conquistei nada, nada de bens materiais, mas conquistei uma namoradinha bem mais nova do que eu; tirei-a da casa dos pais; casamos e tivemos cinco filhos, ela foi para zona leste, depois para Minas Gerais, onde conseguimos uma casinha. Na época, eu fiquei por aqui, em São Paulo; ia lá uma vez por mês, mas a distância era grande, e então vendemos a casinha que não valia muito, ela e as crianças voltaram para São Paulo. Novamente e em tempo acabou indo para Capão Bonito, interior de São Paulo, onde está até hoje. Nessas andanças da minha família tive cinco anjinhos, e minha esposa, minha paixão, uma mulher de fibra, valente, verdadeira, estudou e trabalha, e está sempre me apoiando.

Acontece que no farol tem de tudo: pessoas que dão centavos com medo de um dia não ficarem igual a mim, outros param só para conversar, outros para criticar e condenar, outros fecham o vidro, outros ajudam, dá de tudo; às vezes sou conselheiro, dou palpites, etc. Eu acho que se cada um fizesse um pouquinho e dessem um pouquinho de si, tudo seria melhor. Às vezes me pergunto se é errado ter ido para rua, se foi o correto, mas quando se tem a proposta de viver, temos mais é que viver, viver a cada dia, a cada momento, a cada segundo; valeu a pena, valeu; hoje tenho uma família, meus filhos são perfeitos, minha esposa também. Uma vez por mês vou visitá-los.

Agora falarei do meu dia a dia. Acordo às cinco da manhã, me arrumo e vou paro farol às seis. Fico lá o dia inteiro, e às vezes até às catorze horas, e duas vezes por semana vou trabalhar no CEASA (Centro Estadual de Abastecimento S.A). Quando o sol esquentou ou a chuva caiu, no entardecer, vou para um supermercado próximo onde eu durmo; lá é mais fácil para eu usar o banheiro que é para deficientes físicos; isso não é fácil para mim, só para fazer minhas necessidades demoro uns 40 minutos e você ainda reclama, você chega abre o ‘zíper da calça’, urina e cai fora em apenas três minutos no máximo. Para mim não é o mesmo. E para dormir, vou para o corredor num posto de

gasolina, onde durmo sentado na cadeira; o dia tem 24 horas e eu fico na cadeira às 24 horas; o certo seria um quartinho e cama adaptados. Eu não estou reclamando, porque o dono do comércio já fez a sua parte, e eu sou grato. Eu já passei por 43 cirurgias e tive vários furúnculos, não é fácil não, mas Deus às vezes me carrega no colo, e quando penso que não conseguirei, Ele me dá força.

Você pode perguntar: e banho? Vou até a Barra Funda onde tem um banheiro adaptado. É lógico que às vezes vou duas vezes por semana — a dificuldade é muito grande, e a distância também. Não é fácil e ainda por cima tenho que pagar. Às vezes questiono comigo mesmo e com Deus, os porquês da vida, por que estou nessa situação; acho que a minha missão, aqui na Terra, é servir de exemplo para as pessoas; ainda consigo mostrar que a vida é bela, que o mais importante do ser humano é o seu lado interior, porque o lado exterior é o que todo mundo quer, agora o lado interior é muito pessoal. O exterior é moda, um no embalo do outro; no fundo do coração somos todos iguais perante Deus; às vezes o pobre vive até melhor que certos ricos, ele tem a liberdade de sair na rua sem medo, não tem preocupação com nada; eu acho até que no farol eu chego a levantar a moral de algumas pessoas: canto, dou um sorriso, brinco. Vejo algumas pessoas bem de situação, mas seu foco está mais nos bens materiais, e quando chegam ao seu interior elas não têm nada, são vazias.

Eu, que na entidade tinha de tudo, até carro (na época eu era contra as pessoas ficarem pedindo no farol), vivia em outro mundo, por isso entendo a opinião de certas pessoas. Eu era contra, porque eu não tinha passado por dificuldades, eu tinha de tudo lá e não conhecia o outro lado da vida, mas Deus me deu a oportunidade de conhecer o outro lado; passo dificuldades, mas me supero; tive que fazer várias adaptações e consegui fazer, lutando sem desistir. Eu já voltei na entidade, depois de muitos anos longe dela, e quando cheguei lá vi que não era o meu mundo; prefiro hoje o dia a dia, cada batalha, cada desafio; eu encaro um a um, às vezes eu penso que sou pobre e sou

feliz, parece até uma utopia, onde já se viu pobre ser feliz?

É, mas eu sou e muitos são, a vida vale a pena independente de cada situação. Muitos nos julgam: por que você não trabalha fora? As empresas estão cheias de vagas para deficientes; eu até já trabalhei, o salário é o mínimo do mínimo, as dificuldades para chegar até o trabalho são enormes; era uma decadência, a cobrança era grande, e eu não me adaptei. A rua é boa para mim, sem patrão. Minha maior felicidade é quando estou com a minha família, meus filhos, minha esposa, minha TV, meus filmes, não tem felicidade igual. A casa é de aluguel, mas dá para pagar; aperto eu tenho e muito, mas vou lutando.

Lá, no interior, vou à igreja com minha família; hoje sou evangélico, resolvi assim, num momento de aflição. Quando estava indo sem rumo, com um monte de ideias ruins na cabeça me apareceu um rapaz jovem, com uma Bíblia na mão e falou: ‘Você estava me procurando e eu estou aqui.’ Foi engraçado, um dia antes eu tinha sonhado com uma pessoa que me levaria a Deus e foi aí que tudo mudou; não sou fanático, não encho o ‘saco’ das pessoas por causa de religião, é uma coisa muito íntima, minha, Deus é muito pessoal, é de pessoa para pessoa a comunicação com Ele; e a fé, cada tem a sua.

A vida nos dá muitas coisas boas e nós é que temos que saber agarrá-las. Eu gosto de viver, de estar vivo. Mesmo com as dificuldades, principalmente na chuva, eu lá no farol, às vezes não dá para correr e fico todo ensopado e eu agradeço, não reclamo, não resolverá nada; Deus me deu tantas coisas boas, uma família maravilhosa, meu filho mais velho de 16 anos está fazendo academia só para ganhar força e conseguir ajudar a me tirar da cadeira, ajudar a dar banho, etc.

Por que tenho que reclamar? Eu tenho o apoio deles e isso é tudo. Quantos filhos há matando seus pais por aí afora? As pessoas acham que são tudo e não são nada, nós não somos nada perante Deus. Para Ele você pode pedir quantas vezes quiser que ele não reclama e nos ajuda sem julgar, basta ter fé e merecimento e o seu dia chegará, a gente não dá um passo se Deus não quiser. Pare para pensar, reflita,

acredite em Deus, o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada. Fiquem com Deus, porque ele nunca nos abandona. Sonho com casa própria, um quarto adaptado, próximo do meu serviço.”

André, caminhando com coragem



*"Quantas pessoas não querem enxergar a vida como ela é?
Mas o anjo André, que é deficiente visual, estuda, trabalha e
se você pensa que já viu de tudo é por que não conhece seu
grupo de música Samba no Escuro"*

André Batista Ferreira nasceu em 10 de abril de 1971, na cidade de São Paulo. Tornou-se deficiente visual devido a um tumor no cérebro aos 29 anos.

Conheci André, num domingo, há uns dois anos. Lembro-me que estava trabalhando no meu ponto de táxi e quando olhei do outro lado da rua vi três cegos. Fui ajudá-los; eles estavam indo à Rádio Transamérica, que fica do lado do meu ponto. Eu os conduzi até a recepção e fui trabalhar; no final do dia os vejo subindo e fui ajudá-los novamente. Fui até o ponto de ônibus com eles, e André falou que estava à procura de um emprego ou de uma oportunidade na rádio. Ele tinha curso de locutor e aguardaria resposta. Eles foram embora e eu voltei a trabalhar. Depois disso, eu sempre via André aos domingos e o ajudava no caminho para a rádio. Ele arrumou um emprego e estava feliz da vida.

Foi assim que passei a ter a ideia de tê-lo no meu livro: vi André como um dos personagens; foi o mais difícil de conseguir entrevistar, lembro-me de que fui levar um cliente até Guarulhos, no aeroporto e, na volta, fui direto para a casa dele. Estávamos próximo do Natal de 2010; quando cheguei bem próximo de sua casa eu liguei para ele e falou que estava de viagem marcada e estava saindo, me veio à cabeça que ele estava saindo fora disso. Em outra corrida fui novamente próximo à sua casa e liguei para ele e novamente sua mãe me falou que ele estava na casa de sua namorada e não retornaria logo.

No outro dia resolvi ir até a rádio e o encontrei; ele já sabia da minha ideia do livro e conversamos um pouco. Ele estava trabalhando, e eu não queria atrapalhar. Então deixei um gravador mp3 com ele, expliquei como deveria usá-lo e fui embora. Em outra corrida para Bertioga, conversei com um cliente sobre André. Ele se interessou em ajudá-lo depois que lhe eu falei que André tinha um grupo de pagode. O homem tinha uma fábrica de instrumentos musicais, e eu combinei de passar os dados do grupo para entregar a ele. Chegamos à praia, deixei o cliente e olhei o mar. Eu estava com a roupa de praia no carro, olhei, pensei, pensei e voltei para passar na casa do André

novamente, para pegar a gravação da sua história e falar sobre o cliente para ele.

Passsei em sua casa e conheci sua mãe, dona Maria, um amor de pessoa. Vi na estante várias imagens de Nossa Senhora e livros religiosos que já me agradaram. Fiquei conversando um pouco e senti um carinho, um cuidado todo especial dos dois, tomei café e fui embora. Estava ansioso para ouvir a gravação e já começar a escrever. Fui para o meu trabalho e no final do dia, chegando a casa, fui direto para o computador. Quando coloquei o aparelho no computador, nada, nada do nada; não havia gravado nada. Parecia que era para me testar se realmente deveria continuar com o meu sonho. Antigamente eu sempre desistia das coisas depressa e não terminava nada que começava; parei para refletir e pensei que eu não era mais aquele covarde, medroso de antes. Eu precisava reverter aquela situação. Afinal, sou filho do Deus Perfeito, sou corajoso, conseguirei e não desistirei nunca.

Eu estava com a minha conta no limite, cartão de crédito estourado, eu não queria pensar que estava perdendo tempo e nem dinheiro. Meu sonho era maior. Reservei o domingo para trabalhar na parte da manhã, e à tarde daria uma carona para André. No caminho eu o entrevistaria e gravaria a conversa. Apesar de todas as dificuldades, eu tinha comprado um gravador novo. Agora daria tudo certo; o percurso era tão longo, que tive tempo de completar a entrevista. Então, vamos lá:

“Nasci em São Paulo, no bairro do Ipiranga. Morei lá até os 4 anos de idade, depois meus pais foram para a Zona Leste. Vida difícil; só meu pai trabalhava e morávamos de aluguel; eu tinha mais dois irmãos, e graças a Deus veio dinheiro de uma herança e conseguimos comprar um apartamento na COHAB José Bonifácio, em Itaquera. Quando criança eu fui desenganado pelos médicos, pois eu não comia e tinha febre alta. Então meus pais pediram para um padre me batizar para eu não morrer pagão, mas por um milagre e boa vontade de um médico da Santa Casa — Dr. Darcy — que descobriu que meu

problema era nos dentes. Meus dentes não estavam saindo da gengiva; então tinha que fazer umas aberturas, cortar para eles saírem, e deram tipo umas limadas nos dentes, e aí foi a minha salvação. Que Deus abençoe aquele médico. Eu não sei se ele ainda está vivo. Se não fosse ele hoje eu não estaria com mais de 1,80 m de altura e mais 100kg. Tive uma infância como qualquer outra criança da época, brincava de rodar pião, jogar bolinha de gude, empinar pipa, jogar bola; só não gostava muito de estudar.

Fui crescendo e via que a responsabilidade estava chegando; com 16 anos tinha que trabalhar e estudar. Terminei o ginásio e fiquei só trabalhando, já fui *office boy*, auxiliar e segurança, gostava de baladas, bebia, fumava, dava um pouco de trabalho para meus pais, nada fora do normal. Depois, já homem, com meus vinte e poucos anos, meu pai sentiu fortes dores no abdômen e, ao fazer exames, constatou um câncer no estômago. Então, começou a correria para o hospital e as cirurgias. Chegou a tirar o estômago e conviveu sem ele por quatro anos e com o sofrimento e a dor da doença. Na mesma época eu sentia fortes dores na cabeça e também fui parar no hospital. Exames e mais exames, na Santa Casa e constataram um tumor no cérebro, um tumor grande, eu tinha de 28 para 29 anos e foi tudo na mesma época em que meu pai também estava ruim. Não houve alternativa: tiveram que me operar, e quando retiraram o tumor eu fiquei cego. Era um desespero para todo mundo, minha mãe, uma guerreira, segurando toda a ‘onda’, meus amigos e familiares também. Após quatro anos de sofrimento e luta, meu pai faleceu. Vi que meu espelho se quebrou; ele era meu herói: “Paizão, lutador, não vai embora, pai, fique aqui comigo, eu estou precisando do senhor. O senhor me ensinou tanta coisa, o senhor é meu ídolo, não, não vai embora”. Chorei, chorei, agarrado à minha mãezinha lutadora, eu estava cego, precisava tanto dele e ele teve que partir, por que, Deus?

Com os anos eu fui aceitando tudo que havíamos passado. Logo no começo da cegueira eu me trancava em casa e não queria sair; tinha medo da reação das pessoas, e tinha também um pouco de vergonha,

mas quem tem amigo ou padrinho não morre pagão. Um dos meus amigos ficou desempregado por seis meses, e todos os dias ele ia à minha casa e fazia-me ir para rua com ele tomar sol, passear. Aquilo foi muito gratificante para mim, e, com o apoio de todos, aos poucos, eu fui saindo de casa. Tinha que ir ao centro de reabilitação, Casa Dorina Nowill, onde frequentei por anos. Um lugar que me fez voltar à vida novamente com o apoio da família, dos amigos, e dos médicos, etc.

Alguns tropeções no começo: orelhão, uma das piores armas para os deficientes visuais, calçadas quebradas e irregulares, fora outros obstáculos, aceitei a minha cegueira e me encontrei com Deus, eu não ia à igreja e nem rezava muito e agora eu conversava com Deus sempre, e ele guiava meus passos e tudo começava a me favorecer. Voltei a estudar numa escola normal, não era para deficientes, e lá terminei o Ensino Médio. Fiz um curso de locutor (radialista) e comecei um curso de fotografia no Senac, em Santo Amaro. E vi que tinha capacidade de vencer na vida, mesmo sendo cego; infelizmente ou felizmente a deficiência visual me fez abrir os olhos para o mundo, olhos com os quais eu não vejo, mas são os olhos do coração. Tenho limitações, e quem não as tem? Todos nós temos limitações, muitas e grandes...

Agora eu já conhecia outros cegos, e numa festa de amigos encontrei novos e antigos colegas onde tocamos um pagode. Ali surgiu um grupo, chamado Samba no Escuro: Agora Só Vendo Para Crer.

O grupo de cegos cantando samba de raiz

Tocamos em barzinhos, festas, etc. O grupo está começando, é novo está nascendo agora. Atualmente somos sete integrantes cegos, mas talvez precisemos de mais componentes.

Estamos lutando para dar certo; eu não quero que as pessoas falem ‘Olhe lá, um grupo de cegos’; eu quero profissionalismo, depois o

reconhecimento do grupo, e para isso o grupo tem que ser bom. Antes disso eu fui com dois amigos na Rádio Transamérica, num domingo, fui para conhecer o programa de esporte e procurar uma oportunidade de trabalho. Foi quando conheci Márcio, do táxi, e ele me ajudou até a entrada da rádio; ao chegar lá me apresentei, falei que tinha um curso de radialista e conheci Neto, antigo jogador do Corinthians. Ele falou que me ajudaria, fiquei encantado com todos e ansioso, aguardando a resposta, e logo no outro domingo eu estava empregado; eu atenderia os ouvintes que faziam perguntas para os convidados ao vivo, no programa.



Trabalho no setor do Neto e de todos que fazem parte do esporte. Um abraço em especial para Talita, já fui tocar com o grupo no seu aniversário. Agora tudo estava dando certo na minha vida.

Eno amor também. Certo dia, recebi uma ligação, eu não conhecia a pessoa do outro lado nem ela me conhecia; ficamos batendo o maior papo e eu marquei um encontro com ela; no final da conversa falei sobre o meu problema. Ela aceitou o convite e estamos juntos há quase dois anos. Ela é verdadeira, e isso é o mais importante, minha companheira, meu amor, ela mora longe, mas nem à distância, nem minha deficiência nos afastará, pelo contrário, é mais um motivo para

eu continuar a vida.

Na minha vida de cegueira aconteceram alguns fatos engraçados. Uma vez, quando eu atravessava uma avenida muito perigosa, chegou um cara do meu lado e perguntou: ‘Você vai atravessar?’ Disse que sim; então ele me segurou pelo braço e chegamos do outro lado da rua. Quando fui agradecer, a pessoa também agradeceu, ele também era cego, começamos a rir.

Outra vez um cara ciumento veio em minha direção e falou: ‘Por que você está olhando para minha mina?’ Eu respondi: Posso estar olhando, e tirando os óculos, mas não a enxergo. Ele, sem graça, pediu desculpas e se retirou.

Numa loja da Vivo eu dispensei a bengala e fui tateando com as mãos, quando de repente enchi a mão na bunda de uma cliente que quase virou um tapa na minha cara, mas logo ela percebeu meu problema e me pediu desculpas.

Continuando: com o grupo de samba, fomos tocar num barzinho a noite toda. Iríamos ganhar um cachê pequeno e umas bebidas de graça. No final, o dono do bar fez as contas e bebemos mais de 300 reais. Conclusão, ainda tivemos que devolver dinheiro para ele, e na volta alguns amigos esqueceram as bengalas por todo canto no bar. No metrô, foi uma farra, todos bêbados.

Um tempo atrás, montamos um grupo de amigos e nos reuníamos no Parque do Jaraguá, antes do Natal. No início éramos quinze pessoas, e atualmente somos quase cem pessoas, todas cegas. Agora nos encontramos no Parque Ecológico do Tietê, também antes do Natal. Nessa ocasião, bebemos, comemos e brincamos de amigo-secreto. Os seguranças ficam loucos, porque têm que tomar conta de tantos cegos juntos, é uma farra.

Meu sonho é fundar uma instituição em busca e defesa dos direitos das pessoas deficientes, tanto físicas como visuais. Lutar mais pelos nossos direitos. Devemos estar mais unidos, ganhar força e vencer, ter tudo a que temos direito. Sonho também em ser radialista, em realizar-me profissionalmente, tanto como locutor quanto com o grupo de

samba. Sonho também ter minha casa própria e me casar, construir uma família. Talvez adotar uma criança. Sonho voltar a enxergar, já que tenho chances porque não foi afetado o nervo óptico. Como eu cheguei até aqui, o resto vai ser fácil, Deus é maior que todos e que tudo. A gente deve amar a Deus acima de todas as coisas, porque Ele não nos abandona; é a gente que às vezes O abandona. Hoje, tenho 34 anos e sou feliz do jeito que sou.

Se alguém quiser ajudar André ou seu grupo, pode ligar para o celular (11)976320645. Antes de terminar a entrevista com André eu tinha que conhecer o grupo, ao vivo. Aproveitei um domingo e fui com ele onde o grupo tocava. Era na comunidade do samba em São Mateus. Eu que nunca gostei muito de samba.... Antes tinha preconceito. Quando vi de perto todo aquele pessoal, um calor humano fora do comum, todo mundo da paz; eles só queriam tocar, então eu abri mão, foi lindo. Até chorei quando o grupo acabou de cantar e todos aplaudiram muito, foi lindo, foi mais uma experiência para mim. Nesse dia eu não ganhei nada com o táxi, mas ali eu ganhei o dia, na parte espiritual.

Quando terminei de escrever sobre André, à noite, nas minhas orações, rezei por ele e chorei muito, mais pela perda do seu pai, que era seu espelho, ídolo, era um lutador, um exemplo de vida e superação. Peço a Deus que os sonhos de André se realizem.

O meu maior sonho é tentar realizar os sonhos de todos os meus personagens. Depois irei atrás dos meus.

Valdir, um exemplo de persistência



"Quanta gente não percebe a importância de ter amigos. Um entreechoque, na estrada da vida, mudou tudo; meu anjo Valdir, numa cadeira ficou, 'mas quem tem padrinho não morre pagão, meus amigos nunca me deixaram na mão'."

Valdir Padovan nasceu em 12 de novembro de 1963 na cidade de São Paulo. Para encontrar Valdir, procurei por ele em muitos lugares: na igreja, nos bares, etc. Alguns disseram que ele havia morrido, outros falaram que tinha sumido, mas, enfim, eu o achei. Mora em uma casa simples, preso a uma cama, com uma janela virada para a rua. Em sua cama, uma caixa de madeira com um computador, adaptado com um palito comprido, com o qual ele digita no teclado. À primeira vista, uma cena chocante; fiquei meio perplexo, mas ao conversar com ele percebi que tinha um brilho muito especial.

Pensei que ele fosse reclamar da vida, mas me enganei completamente; ele é bem-humorado, um espírito muito elevado, religioso, inteligente e conselheiro. Valdir é uma lição de vida. Ele mora sozinho e tem uns irmãos que moram no mesmo quintal. Conversamos um pouco, e eu não via a hora de conhecer a sua história. Comecei a gravar junto com ele, pois ele não conseguia fazer isso sozinho; fui até a casa dele três vezes; numa dessas vezes fiz sua barba, pois ele precisa de ajuda também para isso. Em uma das vezes que estive lá, estavam fazendo um churrasco em sua casa. Quando cheguei, ouvi uma pessoa cantando num karaokê: era Valdir, todo animado cantando; foi divino, e só ele cantava.

Quando você vê toda a dificuldade que ele enfrenta no dia a dia, você fica analisando de onde vem tanta força para continuar. Com certeza, vem de Deus. Nesses dias em que fiquei ao seu lado, vi poucas visitas; só uma senhora que vinha dar comida para ele, à noite, e mais outra vizinha que vinha dar uma olhada, e sua ajudante ou empregada, Ângela, no dia a dia. Na parte da manhã falta alguém para colocá-lo na cadeira, para dar banho todos os dias; às vezes a moça que o ajuda dá um jeito com outra senhora, mas falta um braço masculino, com mais força. Eu não posso dar palpites, mas foi o que eu vi; e, numa tarde, um rapaz amigo dos vicentinos veio fazer uma oração com ele.

Ele fica ali, na cama, o dia inteiro e na internet; depois que a moça vai embora ele espera seu irmão para desligar seu computador e dar

uma virada no seu corpo e fechar tudo para ele ir dormir. Senti muita falta de carinho das pessoas, que muitas vezes passavam por ele e nem um boa-noite, um abraço, um beijo. Sei lá, eu cheguei agora, não posso julgar as pessoas, mas, independente de qualquer coisa, ele merece todo o carinho do mundo, ele não tem nenhum passado ruim, pelo contrário, vai sempre à igreja, trabalha, e não tem vícios.

Veja agora o relato que ele me fez:

“Nasci em Pirituba, não me lembro de nada antes dos seis anos de idade, tenho pouco para recordar. Só sei que com meus seis anos, minha mãe nos abandonou, eu não sei o porquê, nunca recorri à veracidade do fato e nunca culpei nem meu pai nem minha mãe. Mas o que eu sei é que houve o abandono. Dos seis anos em diante sempre morei com minha avó, mãe do meu pai. Eu não tinha nem o acompanhamento, nem o carinho de meu pai; ele trabalhava muito. Lembro-me que por um tempo meu irmão e eu fomos morar num colégio interno para dar sossego para minha avó, até por que meu avô havia falecido há pouco tempo. Apesar de tudo, foi bom, amadurecemos mais para encarar a vida; mesmo com saudades dos amigos e da família, foi bom. Quando voltamos para casa, um tio meu, o mais novo, foi tio, pai e amigo, porque o meu pai, por causa do trabalho, a gente só via no domingo, e bem pouco. Hoje eu não tenho mágoa dele porque ele devia ter suas decepções ou mesmo uma tristeza dentro dele, e às vezes ficava no seu canto calado. Minha avó cuidou dos quatro netos, eu e mais três irmãos. Ela era católica e nos ensinava a palavra de Deus; os vizinhos também ajudavam no que podiam, e foram muito amigos da família para dar conselhos, etc. Tive uma infância normal, igual a qualquer criança, jogava bolinha de gude, rodava pião, pipa. A única coisa em que eu não era lá aquelas coisas era para jogar bola, eu era um ‘perna de pau.’ Eu tinha um patinete de rolimã, e descia com ele as ladeiras do bairro. No primário, na maioria das vezes, as vizinhas nos levavam para a escola com seus

filhos, e por muitas vezes elas os beijavam, e quando olhavam para nós davam um beijo também. Na volta, a mesma coisa, até a casa; sempre foram os de fora que nos deram abraços de mães, de amigos, elas e eles tentavam suprir a mãe que não tínhamos, eu fui descobrindo que eu não era tão sozinho na vida, a ponto de não ter meus pais por perto, era mais minha vovó. Depois de certa idade eu já frequentava a comunidade da Igreja de Nossa Senhora da Assunção; fui crescendo assim.

Lembro-me dos tratores na Avenida dos Bandeirantes, a represa do Armo, o eucalipal, sempre íamos lá brincar e fazer arte. Apertava aqueles botões dos telefones na rodovia; lembro-me também de uma moça que havia sido morta e enforcada no eucalipal, era a famosa loira do banheiro que aparecia nos banheiros da escola. A gente morria de medo de ir aos banheiros da escola, muitos faziam xixi na sala com medo de ir sozinho ao banheiro. Lembro-me muito do tempo de ginásio, do meu professor Pedro, muito gente boa, e dois diretores muito durões; lembro-me também de uma japonesa na diretoria da escola; ela em tudo contribuía para que tivéssemos uma boa educação; nós a respeitávamos muito, e antes de entrar na sala de aula fazíamos uma fila e cantávamos o hino nacional. Fui parar na diretoria por causa de bagunça na sala, mas era raro. Nas reuniões, às vezes ia uma vizinha nossa, e quando o motivo era bagunça e mandavam chamar alguém, eu mesmo dava a desculpa de que não tinha ninguém para ir e eu mesmo comparecia na minha reunião; pedia para escrever um bilhete que depois eu dava para minha avó ler, é lógico que algumas vezes não escapei de ganhar uns puxões de orelha do meu pai e da minha avó. Meus coleguinhas? Lembro-me de alguns: Beth, Adilson mecânico, Fabio, é difícil citar nomes, são muitos.

Com meus 14 anos, lembro-me que fui à igreja sozinho, e lembro-me do padre Dom Pedro Latino e Dom Mauro; foram padres que nos davam muito apoio e nos acolhiam com carinho.

Eu me apeguei muito àquela paróquia. Depois fui trabalhar nas lojas Besni, como balconista e estudava à noite; tinha muitos amigos

no bairro que trabalhavam comigo. Com meu salário ajudava em casa e comprava minhas próprias roupas; eu tinha necessidade de trabalhar; antes com meus 10 ou 12 anos, eu ia para a feira ajudar os feirantes, acordava às 5 horas da manhã. Lembro-me de um senhor que tinha uma barraca de banana. Ele vinha me pegar em casa para ajudá-lo na banca; aí então eu já tinha minha ‘grana’ porque em casa não havia muita fartura, mas dava para o necessário, e eu sempre contribuía com algum dinheiro em casa.

Uma coisa que eu nunca tive foi uma bicicleta, mas não fiquei frustrado por isso, pois tínhamos outro tipo de brincadeira, como escorregar no barranco com papelão ou fórmica, etc. Na adolescência, era trabalho, escola e igreja; eu nunca fui de beber bebidas alcoólicas e de ir a baladas. Na igreja e na comunidade, eu é que me vestia de Papai Noel, no Natal para sair na rua e levar os presentes para algumas crianças. Até de palhaço eu já me vesti, e fazia as brincadeiras para alegrar as crianças; sempre participava dos bingos da igreja. Saí da Besni e fui trabalhar como *office boy*; trabalhei em bar e cheguei a morar no sul com meu pai, por um ano, depois voltei e um dia encontrei um amigo que me apresentou ao banco onde eu comecei a trabalhar. Nessa época, cursávamos datilografia na escola do senhor Marcos; recordo-me dos mimeógrafos; fui caixa no banco e fui tendo algumas promoções.

Vamos às paqueras: antes eu só tinha namorico. No banco paquerava uma moça, e quando eu descobri que ela estava querendo namorar comigo para esquecer outro amor, não deu certo; sexo, na época, não era prioridade; só um beijo já era o necessário. Não sei se por que vivi muito tempo na religião, eu era diferente dos outros colegas que iam para baladas. Até teve um padre, Dom Henrico, que me convidou para seguir a vida monástica, para ser padre, mas não fui, não era para ser, acho que para isso é preciso uma vocação especial. À balada eu só fui um dia, numa discoteca em Santana; o nome era Zoom, mais fui só para conhecer, não era minha ‘praia’. Aos 21 anos eu perdi meu pai. Ele teve mais dois filhos com outra mulher

que ficaram no sul; cada vez mais era só minha vovó que segurava a 'onda'. Os anos passaram, e com 26 anos, eu ainda trabalhava no banco e tinha muitos amigos com quem nunca briguei. Um desses amigos era o Royce do Cavaco. Hoje ele é da escola de samba e eu nunca mais o encontrei. No banco, cheguei a ser subchefe da agência. Em 1989, fui para Presidente Prudente, na casa de um tio, onde fui pescar. Combinei de voltar no Carnaval, e em fevereiro de 1990, fui pra lá pela rodovia Castelo Branco; quando entrei na Raposo Tavares, um caminhão veio na minha traseira e me deu uma batida; fui para a contramão e bati de frente com outro caminhão; na batida, desmaiei, e depois acordei no asfalto; já não sentia o movimento do corpo; sei que o atendimento, na via de socorro, na época era precário, então várias pessoas à minha volta me socorreram e me levaram para o hospital, em Assis.

Lembro-me de que foram uns rapazes que estavam em um Santana que me socorreram. Fui parar na Santa Casa de Assis; recordo-me que desmaiei novamente, e quando acordei estava meu tio, de Prudente, ao meu lado. Depois fui transferido para Santa Casa de Marília; lá havia mais recursos; fiquei lá por sessenta dias, e passei por duas cirurgias; fiquei um tempo na UTI. O que mais me magoava era ter acabado com o Carnaval dos meus familiares em Prudente. Eu ainda não sabia que ficaria tetraplégico; os médicos nunca falaram que eu voltaria a andar; depois fui transferido para AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente); lembro-me de que eu estava em cima de uma maca e uma médica me falou que não queria que eu ficasse ali, naquela maca; aí já passei para a reabilitação e fui para cadeira de rodas. No trabalho eu tive um afastamento, não me deram a aposentadoria, porque não tinham certeza se eu voltaria ou não. No banco tive muito apoio de alguns amigos, e no meu bairro também e de vários que não me vêm à memória. Agora era outro mundo, outra vida, eu era um deficiente físico, tinha que me adaptar às mudanças. Eu sempre tive a esperança de um recurso a mais para a minha recuperação; passado um tempo, houve uma fusão no banco, e eu

perdi o meu convênio; eu só consegui a aposentadoria.

Depois de quatro anos do meu acidente, minha mãe com sua filha de outro casamento, depois de 23 anos que eu não a via, veio a minha casa me visitar, e conversamos. Não foi aquele encontro emocionante, mas para mim foi válido; eu não sabia que a pessoa com quem eu estava falando era minha irmã; comecei a dizer que não tinha mágoa do que minha mãe tinha feito com a gente, e outras coisas; aí ela chorou e disse que era minha irmã. Para mim, é difícil descrever a emoção desse momento.”

Paramos a conversa, e ele me apresentou a dona Elza, sua vizinha, que veio lhe dar o jantar, pois ele não come sozinho.

“Depois, perdi um rim. Até os médicos pensavam que eu iria morrer; o futuro só Deus sabe. Agora eu queria uma cadeira automática; esse era meu sonho; com a cadeira antiga meus amigos tinham que me carregar para igreja, ou para algumas festinhas, mas meu sonho era a cadeira motorizada, e um amigão e sua irmã foi quem agitaram e o pessoal da comunidade do bairro juntou uma ‘grana’ para comprar minha cadeira. Outros amigos me ajudaram muito.

Enfim, fomos buscar a cadeira em Alphaville, e na volta eu vim chorando o tempo todo de emoção, parecia uma criança ganhando um lindo brinquedo, um sonho realizado. Agora começava uma nova fase. Uma cadeira motorizada, e meu Deus, um Deus superior a qualquer coisa nesse mundo, um Deus infinito com uma bondade sem fim, nunca se cansa da gente. Agora era ir para rua, e na primeira volta, um monte de gente na rua, olhando e eu logo de cara meu primeiro tombo e o povo todo me acudindo, foi engraçado, eu me diverti; dali para frente eu ia cada vez mais longe, até que um dia um marceneiro amigo meu, adaptou uma mesinha e mais umas caixinhas onde eu coloquei umas bijuterias e doces para vender; eu me via na necessidade de trabalhar e virei ambulante.”

“Ia para o centro, Barra Funda, para comprar as mercadorias. Ia muito às feiras para deficientes na Água Funda, e ia arrumar minha cadeira em Taboão da Serra. O problema é que, na época, o transporte

público era precário para deficiente físico, era um único ônibus adaptado, por muitas vezes ele quebrava e eu tinha que pegar outro ônibus onde as pessoas me ajudavam; por muitas vezes eu fui às garagens de ônibus reclamar e fiz vários pedidos; brigava pelos nossos direitos, falava que os transportes eram mais deficientes do que eu, as calçadas, etc. Sofri várias quedas nas escadas rolantes do metrô, indo parar nas enfermarias dos prontos-socorros; mesmo com auxílio de funcionários, os acidentes eram inevitáveis. Eu lutei muito por um elevador no metrô Sé, tenho até o pedido em minhas mãos, e depois de muita luta conseguimos. Lembro-me de que algumas pessoas passaram na televisão e eu só fiquei nas quedas, nunca registraram um depoimento meu, mas eu tenho boletins de ocorrência da época. Agora já melhoraram muito o metrô, ônibus, trens, calçadas, etc.

Diante de mim, uma nova vida: batalhando, lutando, trabalhando e vencendo a cada dia uma barreira, e eu vi que não era o único com deficiência. Para mim, não havia distância, nem obstáculos; com coragem eu dava um jeito e seguia em frente. Talvez algumas pessoas pensem que eu sou rebelde com algumas atitudes, mas não, eu era persistente: eu pedia alguma coisa e talvez eles me dessem outra, e então eu entrava, questionava. Falei mesmo algumas verdades, e muitas vezes as pessoas não aceitam a verdade, mas nunca pensei em magoar alguém. Por muitas vezes cheguei em casa tarde da noite e minha vovó me dava uns puxões de orelhas, era a dificuldade dos transportes, até de trem eu não descia em Pirituba, tinha que ir até o Jaraguá, onde descia e atravessava do outro lado da linha para voltar para Pirituba, pois o movimento era intenso e esse era o único acesso para descida. Apesar de tudo, eu tinha o apoio da família, no possível de cada um, e dos amigos; não vou citar nomes, porque foram muitos os que me ajudaram e não quero me esquecer de ninguém. Eu tinha a necessidade de ajuda, banho, de ir da cadeira para a cama, da cama para a cadeira, o resto eu corria atrás, ia para a igreja novamente onde sempre frequentei; dava um passeio pelo bairro onde era convidado para um almoço, um café, etc. Tive que me adaptar para andar na rua.

Às vezes fico pensando: você que é normal, pegue uma luva grossa de pedreiro e tente comer com garfo ou mesmo tente vendar seus olhos para andar; assim, dá para sentir um pouco a nossa deficiência. Para me alimentar eu dependo de alguém que me sirva, dependo das pessoas; eu não nego e agradeço muito a todos. Digo que tem quem dê e tem os que fazem, as vezes eu preciso dos dois, pois um dia eu ganhei um feijoada de uma moça, ela veio correndo deixou a feijoada borbulhando em cima da mesa, me deu um beijo e foi embora, já era 22:00 da noite e ela na inocência não lembrou que eu precisava de alguém pra me dar na boca e eu sei que tem muita gente que não gosta de fazer isso, bom eu não arrumei ninguém que pudesse me ajudar, o quarto ficou perfumado com aquele cheio maravilhoso, então eu comi ela com os olhos, eu dormi com vontade e com fome.

Hoje já faz 21 anos do meu acidente e eu estou com 47 anos de idade e uma bagagem nessa caminhada. O meu pai já havia falecido antes do meu acidente, minha mãe sumiu e era minha avó que supria todos eles; muitas pessoas que colaboraram comigo foram mudando; há gente que me ajuda desde o começo e há muita gente nova que me ajuda também, e os médicos do hospital público, pois perdi o convênio do banco depois da fusão.

Salário? Dependo do mínimo, não dá para muita coisa, por isso fui para rua trabalhar. Na rua, eu me distraía; mesmo com todas as dificuldades, eu cheguei a ir para Pindamonhangaba, sozinho, na casa de um tio meu, e cheguei a ir para Marília, na casa de uma amiga; é talvez por isso que algumas pessoas me achavam genioso ou teimoso, sei lá. Só sei que eu ia. As poltronas dos ônibus não eram adaptadas, mas eu ia sem reclamar, vendo as pessoas normais reclamarem. Já cheguei a pegar uma ‘baita’ chuva na rua, com minha cadeira motorizada que não podia ser molhada, mas sobrevivi.

Uma vez me chamaram de louco, quando morreu um amigo meu. Como não achei carona para ir ao enterro dele, no cemitério do Jaraguá, na rodovia Anhanguera, peguei um ônibus até o trevo do km 18 e esperei um ônibus, que não passava nunca, para o cemitério.

Então, eu fui seguindo na rodovia com minha cadeira, e chegando próximo ao SBT, a bateria da cadeira acabou e fiquei no acostamento, pedindo carona. Um rapaz parou e pediu ajuda para a Auto Ban, e o resgate veio me ajudar e me levou até o cemitério; enfim, cheguei e consegui acompanhar o enterro do meu amigo. Na volta, arrumei uma carona, e depois fui chamado de louco, etc. O importante é que eu não achava obstáculos quando eu queria realizar algo. Vejo muitas pessoas normais que ficam arrumando desculpas para dificultar a vida; vendo o lado religioso, eu costumo dizer que tudo isso, na minha vida, foi permissão de Deus; tudo o que acontece na nossa vida não é por acaso; tudo é permissão de Deus. Mesmo que Deus permita, não devemos cair em tentações, não devemos cair nos mesmos erros.

Respeito todas as religiões, discuto com as pessoas e entramos num acordo, pois, no fim, tudo leva a Deus. De dois anos para cá eu tive uma lesão, por isso estou na cama e não saí mais para rua; agora estou mais dependente ainda das pessoas; muitos já me enterraram. Foi quando um frade da igreja morreu e tinha o mesmo nome que o meu; como eu tinha sumido, pensaram que era eu que tinha morrido. Muitos se afastaram talvez por que não sabem o que aconteceu comigo, mesmo assim tenho uma pessoa que me ajuda, e o seu salário é um pessoal amigo meu que paga a ela. Eu tive que me adaptar novamente, agora tenho um computador onde digito com um palito na boca, um *mouse* lateral, o celular bem próximo; como eu só mexo o pescoço, tive que me virar, preciso de ajuda para sair da cama, para tomar banho. Tenho Ângela que cuida da minha lesão, dá comida na minha boca, banho, etc. Sinto falta de muita gente que não vi mais depois que caí de cama, mas eu não fico reclamando, sigo em frente, Deus me ajudou e me ajudará sempre.

Agora mesmo tenho uma pessoa que sai lá de Osasco, o pastor Gilberto, que conheci sem querer quando ia para rua; ele vem aos sábados, às vezes com a família, quando faz minha barba, me dá banho, e sua esposa corta meu cabelo, e ainda me traz uma compra; mas o principal são suas palavras, um abraço, um corpo a corpo, um

amigão. Não quero ser injusto novamente em citar nomes, os outros que me ajudam estão no meu coração, a turma do mercado e a turma de vendedores, etc. (estou esperando um padre para me dar a unção dos enfermos).

Sonhos? Ir para a rua novamente, se for da vontade de Deus; eu não quero deixar uma mancha ou nada pendente com ninguém, principalmente se magoei alguém sem perceber. Quem sabe uma esposa, um filho, constituir uma família, ter uma casa própria ou mesmo adotar uma criança, se Deus permitir.

Apos quase trinta anos na cama, Valdir faleceu em 2018.

André, jogando com a vida



“Minha vida é minhas duas filhas, meu carro é minha cadeira de rodas. Meus sonhos não são tão grandes, o básico para ser feliz. A bola em que rodo no dedo da minha mão é para eu ganhar o pão.”

Eu, Márcio Câmara, fiquei em casa por quinze dias esperando meu carro zero chegar para eu voltar a trabalhar no táxi. Resolvi, então, ir atrás de novos personagens para o meu segundo livro sobre deficientes físicos de farol, e lembrei-me de alguns deles de lugares que eu passava com meu táxi. Fui de ônibus atrás do André, cadeirante há 16 anos na Praça Pan-americana, no Alto de Pinheiros, São Paulo. Ele fica por lá com sua bola de basquete na mão fazendo exposições no farol para faturar o seu ganha pão.

Antes de entrevistar o André, eu já havia levantado informações dele com algumas pessoas que o conhecia, e decidi que valia a pena colocá-lo no meu livro. Depois de pegar duas conduções e demorar duas horas para chegar cansado e com o gravador na mão, me aproximei e falei da ideia do livro. Ele aceitou na hora, conversamos um pouco e dei o gravador pra ele, dizendo que me devolvesse o mais rápido possível. Uma semana depois eu liguei pra ele, que me pediu para nos encontrarmos no mesmo lugar. Depois de fazer o mesmo trajeto do primeiro dia e encontrá-lo, nos cumprimentamos e ele logo me deu a notícia: “Desculpa, Márcio, mas eu não gravei nada, eu não sei como fazer.” Fiquei sem jeito, pensa na minha paciência. Falei pra ele que se ele não consegue falar de toda a sua vida com um gravador na mão, imagina eu.

Eu deixei novamente o trabalho pra ele, e liguei cobrando o gravador alguns dias depois. Marcamos na Praça novamente e quando eu estava a caminho ele me ligou e disse para eu o encontrar no Poupatempo de Osasco. Lá vou eu pegar mais um ônibus. Enfim nos encontramos, ele estava na fila resolvendo problemas particulares. Tirei umas fotos dele e peguei o gravador. Cheguei todo animado em casa, pois queria ouvir logo para começar a escrever. Sento de frente para o computador, ligo o gravador e, por uns quinze minutos, só escuto barulhos de panelas, pratos, assobios e nada mais. Revirei a fita para frente e para trás e não havia nada gravado. Eu constatei que ele não quer participar do livro, liguei para ele que me pediu perdão, disse que não foi sua culpa e que queria sim participar do meu livro.

Adivinha o que fiz? Mais uma vez o trajeto para encontrá-lo: dois ônibus e mais duas horas. Agora eu levei o gravador e fiz ele sair do farol. Fomos para um canto e comecei a gravar sua história. Isso aconteceu no Dia das Crianças, em outubro de 2012.

André Luiz Costa Taveira, nascido em 19 de novembro de 1967 em uma pequena aldeia de pescadores na Cidade de Recife, PE, tem 44 anos. Tudo começou com apenas três anos de idade, papai sentiu meu corpo quente e uma febre que não parava mais e resolveu me levar ao hospital português em Recife, onde meu avô tinha um bom contato. Eu já fiquei internado e os médicos perguntaram para a minha mãe se eu havia tomado a vacina da poliomielite. Minha mãe dizia que sim e meu pai que não. Eu só sei que os médicos já não podiam fazer mais nada, eu tinha a paralisia infantil, que atacou minhas pernas. Meus pais não podiam também fazer mais nada e só lamentaram o fato. Era uma época de pouca informação sobre a doença e onde nos morávamos, na ilha de pescadores, tínhamos menos informações ainda sobre várias doenças. Graças a Deus meus pais nunca me abandonaram e, pelo contrário, me ajudaram a vida toda. Pelo que me lembro, eu sempre fui muito artilheiro, mesmo com a dificuldade eu me virava, sei que eu bagunçava muito e tudo o que eles me falavam pra não fazer e que eu não podia, eu fazia ao contrário. Lembro também que aos 4 anos eu peguei uma bactéria e fiquei três anos internado, quase morri. Foi muito difícil, lembro-me que meus pais vinham me visitar e eles tinham que ir embora e eu ficava chorando sem entender direito tudo aquilo que estava acontecendo.

Na escola, lembro-me que dei muito trabalho para os meus pais, todo dia era uma briga, pois eu não levava desaforo para casa. Se zombassem de mim, eu ia para cima, e se eu conseguisse segurar o moleque que me provocou ele não saía mais, descontava toda minha raiva nele. Eles me apelidavam de vários nomes, lembro que o que eu ficava mais furioso era quando me chamavam de *Cor-de-Rosa*, o bicho pegava. Hoje eu sei que isso se chama *bullying* e é proibido em

todos os lugares e, principalmente, nas escolas. Mas isso nunca acaba, é como o racismo, a indiferença social, o ego, a arrogância etc. Eu usei aparelho ortopédico nas duas pernas dos quatro até os quinze anos, mas não gostava daquilo. Vivia arrancando e depois dos quinze anos eu não usei mais; fui para a cadeira de rodas e me acostumei. Neste momento eu já me via na obrigação de ajudar meus pais, acordava às cinco horas da manhã e ia para a praia limpar os barcos quando chegavam da pesca. As pessoas me ajudavam a subir no barco e o resto eu fazia, limpava tudo e em troca os pescadores me davam peixe como forma de pagamento. Os peixes eu vendia na cidade. Eu cheguei a vender picolé numa caixa de isopor, já ajudei meu pai na marcenaria e depois eu comecei a me interessar por basquete. Via aquela bola grande bonita, até que ganhei a minha primeira bola e comecei a treinar sozinho e a pegar uma boa habilidade com a bola e, assim, comecei a jogar em clubes. No começo eu não queria ir até o clube a convite de um amigo, pois eu tinha vergonha, pensava que um aleijado na cadeira de rodas, seria motivo de deboche e que todos dariam risada de mim, mas como ele insistiu muito eu fui e gostei do que vi por lá. Aí comecei a jogar, me dediquei e depois de um tempo recebi um convite para ir ao Rio de Janeiro jogar em um clube. Eu já tinha 16 anos e precisava de autorização dos meus pais. A princípio meu pai não queria que eu fosse, ele achava que eu precisava dele para sobreviver, mas eu insisti e ele concordou.

Ao chegar na cidade maravilhosa, tudo era lindo: as praias, as mulheres, o sotaque, as paisagens. Tudo parecia um sonho, e logo eu estava morando dentro do clube e jogando. E ainda trabalhava para o clube me manter dentro da casa. Ainda sobrava um dinheiro que eu mandava para os meus pais. Fiquei durante 4 a 5 anos no Rio de Janeiro com essa vida. Eu já estava com 21 anos de idade e aproveitei muito nesta época com passeios, amigos, praias e mulheres, isso eu gosto muito. E por falar em mulheres, eu sempre tive preconceito da minha doença, morria de vergonha de chegar em uma menina, mesmo ela dando bola para mim eu não chegava junto. Mas depois da

primeira namorada a vergonha acabou, lembro-me dela, Marta, eu já tinha dezoito anos. Comecei tarde, mas pelo menos eu comecei, foi justamente no Rio de Janeiro.

Mais a frente, depois de um jogo que disputamos contra o Águia de Cadeiras de Rodas em São Paulo, eu fui convidado para jogar com eles, e então resolvi vir pra São Paulo, com 22 anos. Fui morar num apartamento com mais dois amigos e o clube bancava, só que lá não havia trabalho remunerado, a gente só ajuda nos afazeres etc. Então dois amigos meus cadeirantes também me chamaram para eu ir para o farol com eles. Um deles fazia exibição com a bola de basquete e o outro vendia balinhas, eu peguei uma caixa e comecei a vender as balas em um farol próximo a avenida Brasil. Lembro que o primeiro dia com a caixa de bala na mão e o sol quente de “rachar o coco”, eu não ia para a rua, ficava na sombra e, no final do dia, eu tinha comido todas as balinhas para matar a fome e não faturei nada. É trágico, mas foi engraçado na época. Eu estava sem dinheiro e sem as balas. No final do dia, foram somente risadas. Como meus amigos viram que com balas eu não tinha jeito, depois de uma semana treinando, eu fui para o farol rodando a bola de basquete no dedo, na Praça Panamericana, onde eu estou até hoje.

Depois, eu ia treinar em Cubatão três vezes por semana. Eu ia e voltava para o farol. Com o tempo, vi que não tinha muito futuro ficar no clube, pois eram só despesas do meu bolso e a idade ia chegando, resolvi ficar só no farol. Fui morar de aluguel quando conheci minha primeira esposa, que eu já a conhecia desde que morava no Nordeste. Ela veio para São Paulo, nos casamos e tivemos uma filha e eu só fiquei com ela por dois anos. Não deu certo, nos separamos e ela levou nossa filha com ela.

Depois de um tempo eu conheci outra pessoa e tive outra filha com ela, e eu percebi que a minha atual esposa estava usando drogas. Chegou a sumir de casa por dias e dias, e eu tinha que ir para o farol ganhar o pão, não podia ficar com ela e ajudá-la. Ela parava um tempo com as drogas e depois voltava, minha filhinha já tinha dois anos e eu

pedi a separação e a guarda da minha filha, mas a avó dela queria a guarda também e fomos para a justiça. Eu arrumei um advogado na Defensoria Pública e o processo ficou rolando. A menina foi para a casa da sua avó, e quatro anos depois, eu ganhei a guarda da minha filha. Desde seus 7 anos ela está comigo, hoje ela tem 11 anos. Ela é minha vida, é a razão pela qual continuo as minhas caminhadas, as batalhas da vida. Minha filha me dá muito orgulho, ela me protege, quando um conhecido brinca comigo e me chama de aleijadinho, ela toma a frente e xinga, me vê como uma pessoa normal, não tem vergonha de mim, ela tira notas boas na escola, eu não tenho reclamações dela, eu sempre estou acompanhando seus estudos.

Minha rotina é assim: acordo às 7 horas da manhã, faço café, coloco a mesa para nós dois, arrumo a casa, a louça, coloco a roupa na máquina de lavar, deixo a minha filha preparada para a escola. A perua escolar passa e eu vou para o trabalho, ou seja, para o farol onde eu ganho o meu sustento, pois recebo um salário do governo, que não dá para nada. Eu pago aluguel, tenho minhas contas, minha filha, material escolar, roupas, comida, etc. Fico no farol até às 17 horas. Pego dois ônibus, chego em casa às 19 horas.

No começo eu não sabia cozinhar, só comíamos *miojo*, mas tive que aprender, pois eu não deixo minha filha mexer no fogão ainda. Com o resto ela dá uma força em casa. Eu digo que na vida somos eu, ela e Deus, e falo mais, digo que na minha vida, todos os dias eu tenho que matar um leão pra sobreviver, mas não reclamo, eu sou feliz. Eu tenho uma pessoa em particular que eu quero agradecer muito, ele me ajuda muito no farol, é o senhor Jarbas.

A minha família ficou toda no Nordeste, já faz quatro anos que eu não vou visitá-los, e tenho muitas saudades. Ainda tenho meus sete irmãos e meus pais. O meu irmão mais novo também é deficiente, só que é cerebral, é pior que o meu caso, mas eu vou levando, tenho que passar pelas barreiras que a vida nos coloca. E por falar em barreira, eu vou contar algumas coisas que me acontecem no dia-a-dia. Lembro-me uma vez, um conhecido meu também cadeirante viu

minha cadeira nova e falou para mim se eu queria vender a outra cadeira, ele tinha a dele mais queria a minha, então eu fiz um preço simbólico e ele levou a cadeira e nunca mais apareceu. Lembro também na infância quando fiz a minha inscrição no clube dos escoteiros, comprei tudo, roupas, sapatos etc. e quando fui participar me falaram que eu não podia. Foi a maior decepção.

Bom, vamos voltar a falar do farol. Lembro-me outra vez, um carro parou, abriu o vidro e eu me aproximei. Estendi a mão pensando que ele ia me dar uma gorjeta. Então ele cuspiu na minha mão e saiu em disparada, esse foi o meu pior dia de farol, foi muito humilhante. Eu perguntava a Deus por que eu tinha que passar por aquilo, mas Deus é justo. Lembro-me também, uma vez que o carro de uma mulher quebrou, e era um carrão. Então eu fui até lá e perguntei se ela queria ajuda, ela falou que sim, mas não sabia o que tinha acontecido com o carro. Eu vi que faltava gasolina e falei para ela. Ela falou que tinha esquecido todos os documentos e o dinheiro, cartão de crédito, e eu emprestei dez reais e fui buscar gasolina pra ela, ajudei a colocar a gasolina no tanque e ela falou que viria me pagar depois. Passados dois dias ela apareceu e me deu cem reais. Ela estava com o ex-jogador Casagrande, ele também me agradeceu, eu fiquei super contente com eles e de ganhar R\$90,00 a mais do que eu emprestei. Tem uma senhora que passa no farol e sempre me ajuda, ela diz para mim que queria que o filho dela fosse igual a mim, e eu perguntei o porquê. Ela respondeu: “O meu filho só mexe o pescoço”. Isso me engrandece muito, pois vejo que tem pessoas mais limitadas que eu e essa senhora tem muito dinheiro. Por isso eu falo que o dinheiro não é tudo, eu quero só o necessário para ter uma vida melhor.

Hoje, fazendo um balanço da minha vida, eu digo que eu vivi bem, mesmo com as dificuldades, minhas limitações, eu vivi e vivo muito bem, Deus acima de tudo, eu tenho muita fé nele e em Nossa Senhora, pois eu sou católico. Meu sonho hoje é ver minha filha formada, ter saúde para continuar na batalha, e o maior sonho é ter minha casinha própria, pois eu pago aluguel de dois cômodos pequenos. Tenho fé em

Deus que conseguirei um dia.

Perguntei ao André o que ele achava de ter nascido assim, com a deficiência, se era reencarnação, ou o que ele achava disso. E me respondeu em risos que Deus, quando marca alguém, é para ele não perder de vista..

Claudinho, vendendo balinhas no farol



“No semáforo da Rua Maranhão com Av. Angélica, encontrei-me com Claudinho. Chamando-me de Santista com uma grande simpatia e me oferecendo umas balinhas”

Eu Márcio Câmara taxista e escritor, agora neste novo livro, ia passando pelas ruas de São Paulo e ficava de olho em cada cadeirante em que passava por mim. Quando dava certo de parar em frente deles e conversar, eu já perguntava um pouco da sua vida. Lógico que eu comprava uma balinha primeiro, e ali já era a primeira abordagem e um sinal de confiança deles e foi assim com todos os personagens, dos quais escolhia a dedo cada um deles, sempre os seguindo e tirando informações de pessoas da região, pois eu não queria usuários de drogas no meu livro, alguns passaram pelas drogas por muitos anos, mas os que eu escolhia não eram mais usuários. E foi assim no semáforo de uma avenida famosa que eu, passando com meu táxi, parei bem em frente ao Claudinho, que veio movimentando as rodas de sua cadeira convencional, chegando mais perto de mim com um sorriso e já me chamando de Santista. Ofereceu-me balas que eu prontamente comprei e logo me apresentei falando que já havia escrito um livro sobre cadeirantes de rua e se ele queria ser um personagem do meu atual. Naquele momento, peguei o seu contato e fomos conversando. Paralelamente às nossas conversas, fui até um posto de gasolina que havia perto de onde ele ficava e perguntei sobre o Claudinho. Todos falaram muito bem dele e assim começa a história desse guerreiro.

José Claudio da Silva nasceu em 25 de Abril de 1967, na cidade de Itapeverica da Serra, SP. “Mamãe me falou que com apenas um ano de idade, eu tive uma febre muito alta e meu corpo ficou todo mole, ela correu para o hospital, mas já era tarde demais, eu não havia tomado a dose da vacina poliomielite e acabei contraindo paralisia infantil. Mamãe ficou uns três anos me levando ao hospital do Ibirapuera. Fizem cinco cirurgias, mas não deu certo, eu perdi os movimentos das pernas. Papai foi embora, nos abandonou, eu e mais três irmãos. Mamãe se viu sozinha e correu atrás, não desisti de nós e principalmente de mim, que me arrastava pelo chão, éramos muito pobres.

Logo mamãe arrumou um marido, era meu padrasto, um homem bom que criou todos nós. Mudamos para a rodovia Anhanguera, no km 21, pois meu padrasto e mamãe tornaram-se caseiros de uma chácara. Lá era distante de tudo e por isso não concluí meus estudos. Só aprendi a assinar meu nome e não fui alfabetizado. Isso faria muita falta no meu futuro. Vivíamos na pobreza, mas sem miséria, pois plantávamos de tudo no sítio e tínhamos algumas criações. Eu me arrastava por todos os cantos, pois não consegui me adaptar com nada e também não tínhamos condições. Por ser muito ativo eu ajudava em tudo. Lembro-me que às vezes eu era levado pelos meus irmãos num carrinho de mão. Isso me divertia, mesmo eu não sendo igual às outras crianças, pois havia muita inocência nas brincadeiras. Com dez anos meu irmão mais velho me levava para o bairro da Lapa, atravessávamos a rodovia, meu irmão me pegava no colo e pegávamos o ônibus do outro lado da via, eu tinha um carrinho de madeira com uma carroceria, onde eu amarrava uma cordinha e as pessoas no bairro da Lapa me davam umas moedas e dinheiro, eles colocavam no carrinho e eu puxava para pegar o dinheiro, meu irmão fazia uns bicos na região, sempre perto e as vezes vinha me olhar, no final do dia íamos embora eu com uma graninha e ele também. Ficamos nessa vida por uns 8 anos e depois que meu irmão morreu de tanto beber cachaça, e eu me vi sem chão e tive que correr atrás. Por muito tempo ele foi minhas pernas e meus passos. Meu irmão tinha um amigo chamado Toninho, do bairro do Jaraguá que ficou meu amigo também. Foi ele que me ajudou a montar uma banca de brincos no bairro da Lapa e me acolheu por 5 anos em sua casa. Foi um grande amigo e benfeitor.

Depois que eu me vi crescendo, já homem, quis ser independente, mesmo com todas as minhas dificuldades. Ganhei uma cadeira de rodas antiga de um hospital, onde algumas pessoas me ajudavam. Não demorou muito e eu aluguei um quatinho em uma pensão no bairro da Santa Cecília, no centro da cidade de São Paulo. Logo que eu fui para o semáforo da Rua Maranhão com a Avenida Angélica; peguei

umas caixas de balas e comecei a oferecer para as pessoas que paravam com seus carros no farol. Depois de algum tempo, descobri o basquete e com a ajuda das pessoas da região eu consegui uma cadeira de rodas esportiva, própria para jogar basquete. Participei de alguns campeonatos paulistas da primeira e segunda divisão, frequentei e representei a ADESP São Bernardo, uma associação desportiva que oferece natação, vôlei e basquete adaptados; os paraplégicos do Ibirapuera e a equipe do Águias. Eu separava meus horários, ia para o farol e de tarde jogava. Fiz muitas amizades no farol e na região com moradores e comerciantes. Quando eu tinha trinta anos de idade, numa de minhas saídas para um barzinho da região, conheci uma moça e acabamos nos entendendo. Ficamos juntos por cinco anos. Ela tinha dois filhos e para morarmos juntos tivemos que alugar um apto na região. Eles eram minha nova família, pois eu havia perdido meu padrasto, meu irmão e outro foi embora. Após alguns anos mamãe também morreu eu fiquei sem eles. Com as dificuldades da vida, minha esposa foi embora levando seus filhos e meu coração se partiu e me senti novamente sozinho. Já chorei muito no meu cantinho. Conversava com Deus sobre o porquê das coisas serem assim. Não conseguia entender, mas a vida continua e se você parar não vai adiantar, pois as coisas continuam caminhando. Eu tinha que ter forças para continuar e ainda me restavam as pessoas que me ajudavam no farol e os amigos do basquete. Voltei para a pensão e a vida seguiu em frente. Eu tinha muitos conhecidos na região, mas tinha umas duas ou três pessoas que me ajudaram muito. A igreja santa Terezinha que me dava cesta básica e me acolhia nas missas, depois tinha o doutor Carlos que me ajudava muito e o Doutor João dentista e outros que não me vem na memória agora. Uma senhora muito bondosa juntamente com sua filha me deram uma cadeira de rodas nova. Eu uso sem motor por que gosto. As minhas sempre foram convencionais e não motorizadas, pois eu gosto de fazer exercícios com o meu corpo. Hoje eu tenho 48 anos, recebo um salário do governo que me ajuda muito, e com o dinheiro das balas que vendo no

farol dá para tocar o barco. Nas ruas meu apelido é santista, porque eu adoro falar de jogo de futebol e chamo todo mundo de santista e é assim que todos me chamam. O que me faz avançar é a ajuda de algumas pessoas. Uma simples palavra amiga no farol já me anima para continuar, vou envelhecendo no semáforo, mas digo: bola pra frente! Não desanimo nunca, sou feliz, amo a vida, as pessoas e Deus acima de tudo”.

**Quem quiser ajudar o Claudio pode depositar um dinheiro em sua conta. Banco Itaú | Agência 0186 | Conta corrente nº. 54 824-4
José Cláudio da Silva, O sonho dele é ter sua casinha própria, formar uma família e ser feliz.**

Meu próximo personagem é Edvaldo Bernardinho da Silva, que conheci passando pela Avenida Pacaembu, em São Paulo. Ele fica numa atravessa e para chegar até ele, dei a volta no quarteirão, parei o táxi e fui a pé. Chegando perto, me apresentei, e mostrei meu táxi de longe. Falei sobre o meu projeto literário e apresentei o livro anterior que eu havia escrito. Imediatamente ele mostrou seu sorriso de satisfação com a possibilidade de sua história ser retratada.

Essas abordagens não são tão fáceis, porque em um primeiro momento mostram-se desconfiados. Já foram muito utilizados em reportagens, onde prometeram ajuda e não cumpriram. Até que chegue o momento para começar a pegar os depoimentos é demorado. Para assinarem a autorização de publicação no livro também é bem complicado e sujeito a desistências de última hora, pois existem alguns deles que não são alfabetizados. Você tem que olhar nos olhos deles, sentir o corpo a corpo e ver o seu trabalho e sua luta diária que já começa para sair de casa. Alguns se arrastam por escadas até alcançar a rua.

Acompanhe mais uma linda história de luta, garra e sobrevivência.

Edvaldo, a alegria com amigos e o basquete.



“Entre sol e chuva e com toda dificuldade na cadeira de rodas, eu fico no semáforo vendendo balas para aliviar minhas dores e tristezas que só desaparecem quando me encontro com amigos e esqueço tudo jogando basquete”.

Edvaldinho sempre quis contar sua história, mas a 1ª edição do livro já estava pronta. Felizmente sua hora chegou!

Edvaldo Bernardinho da Silva pode ser encontrado no semáforo da Rua Itamarati com a Avenida Pacaembu, local onde vende balas em sua cadeira de rodas.

Nasceu no dia 15 de março de 1963, em Recife, e fui criado em Maceió.

“Não me deram a vacina contra a paralisia infantil, e por isso tive poliomielite, com sequelas nas pernas, que me incapacitaram de andar. Mamãe não sabia o quer fazer. Era uma época difícil que ninguém sabia como lidar com aquela situação. Meu pai se separou e foi embora, minha mãe teve que trabalhar, então fui parar na casa da minha avó por parte de mãe, ela ficaria comigo para que minha mãe pudesse trabalhar. Minha avó era separada do meu avô e foi me criando sozinha, minha mãe se afastou um pouco também, então eu tenho minha avó como minha mãe também. Morávamos num bairro bem carente com ruas de terra em que eu me arrastava para brincar com as crianças e isso deixava minhas roupas imundas. Das dificuldades que tive quando criança, me recordo ter sido difícil me adaptar para brincar com as crianças da minha idade.

As idas e vindas em hospitais eram constantes. Passei por várias cirurgias que me deixavam em casa trancado por muito tempo para que eu me recuperasse. Assim fui crescendo e percebendo aos poucos as dificuldades que eu teria que encarar na vida. Mais tarde tive contato com o sentimento de rejeição pelo preconceito. Na infância, quando os meninos iam jogar bola e tinham que separar as crianças, eu era sempre o último a ser escolhido. As vezes me colocavam no gol, pois eu não podia correr, chutar bola, muitas vezes eu não entedia por que me excluía, mas com o tempo fui percebendo a diferença que eu tinha em relação as outras crianças. Fui para a escola com muita dificuldade. Minha avó foi uma guerreira. Adaptou um carrinho para me levar. Algumas vezes me levava no colo ou de cavalinho no seu ombro. A adaptação era difícil com os meus amigos

e na escola, mas eu gostava de frequentar.

Na hora que eu mais precisava de um apoio, um colo, meu pai nunca esteve presente. Casou com outra mulher e teve mais quatro filhos. Também não tenho a imagem de minha mãe ao meu lado. Foi minha avó que significou tudo para mim. Ela cumpriu o papel e a responsabilidade que seriam de meus pais.

Na cidade que fui crescendo não havia recursos para mim como escolas e hospitais. Então, um irmão da minha mãe nos convidou para vir morar em São Paulo. Era um bairro distante do centro, periferia da periferia, mas já era muito melhor do que onde morávamos. Logo me levaram para um hospital enorme e com muitos recursos e que tinha um tratamento ótimo. Foram muitas cirurgias. Algumas de correção das pernas e outras na coluna. Com isso, já na adolescência, eu tinha alguns aparelhos que me colocavam nas pernas e com duas muletas eu conseguia ficar de pé. Dava alguns passos e ia me adaptando. Com muita dificuldade eu ia para a escola e o trabalho de subir e descer dos ônibus era enorme. Na escola eu tinha dificuldades de me relacionar com as pessoas. Já era adolescente e sentia vergonha de ser diferente deles, pois eu sentia o preconceito. As vezes eu chorava escondido e sozinho. Eu tinha que encarar e não mostrar fraqueza para minha avó e para o meu tio que estavam me ajudando. Não queria dar muito trabalho para eles e por isso me esforçava muito sem reclamar. Logo viria a melhor fase da minha vida. Foi onde conheci o basquete e eu já tinha uma cadeira de rodas convencional em que eu ia para todo lado e podia jogar, depois que eu conheci o basquete, tudo mudou na minha vida.

Era minha primeira inclusão com meus amigos da escola e com o professor que me apoiava. Depois que descobri um clube que tinha um time de cadeirantes, passei a frequentá-lo e acabei me inscrevendo para jogar e consegui. Agora sim eu era aceito sem preconceitos. Fiz novas amizades com pessoas iguais a mim como se fosse uma família.

Minha confiança se elevou. Eu era um homem e resolvi que

tinha que trabalhar e comecei a procurar emprego. Bati em várias empresas e nada. Estava no segundo grau do colégio e gostava de estudar, mas no mercado de trabalho eu não tinha nenhuma oportunidade. Fazia alguns bicos até que um dia consegui trabalhar num laboratório fotográfico. Ali era mais uma conquista para mim. As dificuldades eram enormes para chegar até o trabalho, pegar ônibus, ir para escola, jogar o meu basquete, mas eu tinha que me superar a cada dia para vencer minhas batalhas. Não demorou muito, comecei a pensar em formar uma família, mas primeiro eu teria que arrumar uma namorada e até aquele momento eu nunca tinha me relacionado com ninguém. A vida às vezes nos prega surpresas e conheci uma pessoa muito especial: minha futura esposa. Namoramos um pouco e logo nos casamos. Eu não queria perder aquela oportunidade em formar uma família. Casei em 1990 com minha esposa Elizabete da qual tivemos um casal de filhos Hugo e Carol. Nessa época eu fiquei desempregado e fui vender balas no cruzamento da Rua Itamarati com a Avenida Pacaembu para sustentar minha família. Eu e minha esposa éramos deficientes e criamos nossos filhos com muitas dificuldades e barreiras até que ela veio a falecer, vítima de um infarto. Minha vida baqueou e tive que ser forte para criar meus filhos, mas Deus e minha avozinha que morava comigo ajudaram a cuidar deles. Na época Hugo tinha 15 anos e a Carol estava com 12. Estudaram até se formar e hoje o meu filho é engenheiro eletrônico e está empregado e minha filha é formada em vendas. Agradeço a Deus e a família que muito me ajudaram nessa caminhada. Minha avó veio a falecer já com certa idade e considero minha heroína e grande guerreira. Eu sofri muito com a perda dela, mas Deus sabe o que faz e eu nunca mais teria o contato de minha mãe e muito menos do meu pai. Só tive contato com meus irmãos por parte de pai. Hoje temos uma amizade e alguns vieram morar em São Paulo.

Com o passar do tempo eu conheci outra companheira e estou com ela atualmente. Minha esposa se chama Cristiane Regina Rosa e agradeço muito por tudo que ela faz por mim. Eu a conheci próximo

do meu trabalho e sou muito feliz com ela. Ela não é deficiente e me ajuda muito. Eu consegui uma pequena aposentadoria, moro de aluguel e ainda trabalho no semáforo vendendo balas há quase trinta anos. Lembro-me de um fato que aconteceu no farol, um belo dia mostrei uma foto minha com a minha esposa para um cliente do semáforo. Eu estava de pé com aparelhos nas pernas e na hora que o cara viu falou em voz alta, você não é cadeirante e com um sorriso irônico disse ainda, vou espalhar contar para outras pessoas que passam por aqui. O engraçado é que depois daquele dia, ele nunca mais conversou comigo no farol, chegando a fechar o vidro do seu carro quando eu me aproximava. Fiquei muito triste e pensei comigo mesmo se eu não tinha nem o direito de ficar em pé por algumas horas, pois eu não aguentava ficar com o aparelho por muito tempo. Ele me machucava e eu ficava cansado, pois minhas pernas são finas e eu não tenho força nelas.

Hoje tenho 56 anos de idade e sinto que vai pesando. Pego três conduções para chegar ao meu trabalho e estou morando no ABC que é bem longe de São Paulo, mas meu ponto é bom e eu já sou conhecido por lá. É o meu ganha pão e tenho muitas amizades no farol, onde brinco com eles, vendo balas, enfrento sol, chuva, frio, calor, mas gosto do que faço eu não reclamo não. Sou feliz assim e agradeço a Deus, minha esposa, meus filhos e as pessoas que me ajudam na rua, obrigado senhor”!

Jogando basquete com amigos



Para mim, foi um pouco mais fácil abordar o ultimo personagem, porque ele já conhecia o personagem Claudinho, retratado no livro nas edições anteriores. Viu que era verdade o que eu dizia. Cheguei até ele na Rua Piauí com a Av. Angélica, no bairro do Higienópolis. Apresentei-me, falei sobre o livro e mostrei outros personagens. Imediatamente ele abriu um sorriso e já foi me agradecendo. Vi nele uma necessidade e dificuldade enorme na vida. Perguntei o que ele vendia no farol e ele meio sem graça falou que infelizmente ele só pedia, pois, as pessoas naquele bairro não compram coisas na rua para comer. Já havia tentado e nunca teve nenhum resultado. Vi em seu rosto muito sofrimento e reparei que ele não tinha um dos olhos. Enxerguei uma parte da fralda que usava, me despedi e falei que voltaria para escrever a sua história. Afastei-me e agradei a Deus por mais uma joia que eu havia encontrado. Sei que todos têm necessidades e uma dificuldade enorme com sua deficiência, mas percebi que esse personagem carregava uma cruz um pouco mais pesada. Costumo dizer que tem gente que domar um leão por dia para viver, mas tem os especiais que domam vários leões.

Evaldo dos Santos Sá, vida que vai e volta.



*“Eu não queria estar aqui na rua,
Não me Julgue sem saber o porquê,
Se antes eu só pedia, agora com o livro,
Vocês realmente, irão me conhecer”.*

Evaldo dos Santos Sá, nascido em 16 de junho de 1975, cidade Juazeiro da Bahia. “Tenho cinco irmãos homens e duas mulheres e vim de uma família muito pobre. Meu pai brigava com a minha mãe e por qualquer motivo a gente apanhava. Era uma ignorância sem limites. Minha mãe era submissa e não conseguia nos proteger. Estudei até o quinto ano do ginásio e não tinha muita motivação para ir para escola, porque muitas vezes eu ficava com as marcas das surras que meu pai me dava e eu tinha muita vergonha que as outras crianças percebessem e me incomodassem com piadas. Eu ficava irritado e tirava satisfação com os meninos. Havia muita raiva e rebeldia incontroláveis dentro de mim. Algumas vezes eu ia para a diretoria e recebia aquele sermão, tanto que eu fui ficando cada vez mais descontente e acabei abandonando os estudos. Comecei a ir para a rua vender qualquer coisa para ganhar dinheiro. Entendi depois que eu preferia estar na rua do que em casa com meus pais e irmãos. Sentia-me mais seguro. Éramos bagunceiros, mas era coisa de criança. Meu pai chegou a me amarrar por algumas vezes com uma corda e uma corrente e ainda me batia. Cheguei a ficar dois dias amarrado em um pé de manga. Quando um vizinho soube, ameaçou chamar a policia e meu pai me soltou. Fiquei com marcas nas pernas e nos braços. Se fosse hoje, ele seria preso, mas na época não tinha lei para nada e minha mãe tinha medo de chamar a policia e depois meu pai batia nela e poderia até matá-la. Eu não podia jogar bola, empinar pipa e outras brincadeiras de criança que eu apanhava. Fui criado nesse inferno até os 15 anos de idade. Foi quando fugi de casa e fui morar com um irmão mais velho e comecei a trabalhar no Centro de abastecimento de frutas e legumes da cidade. Fazia carroto, carregava caixas e mais caixas e assim foi por alguns anos. Graças a Deus não me envolvi com drogas. Eu gostava mesmo era de beber cerveja. Meu irmão me ajudou muito nessa época. Depois disso, já adolescente, me envolvi com uma moça e acabamos namorando, e, em seguida, fomos morar juntos. Dessa relação tive dois filhos. Eu já estava com uns

vinte anos e mesmo com muitas dificuldades eu ia levando. Aos 24 anos, comecei a trabalhar como ajudante de caminhoneiro. Alternava meu trabalho com minha paixão por futebol e até participava em um time do meu bairro. Era jogo de verdade. Jogávamos contra times de várias cidades e às vezes o pau fechava. Foi numa destas partidas de um campeonato muito disputado que acabamos nos classificando para uma final. O adversário era um time famoso pelas brigas que se envolviam e tinha dois integrantes que jogavam nele que eram criminosos. Os caras eram da pesada, mas jogo é assim e não importa o que você é ou faz, o importante é jogar bem e saber dominar a bola. O jogo foi tenso e a torcida do time adversário provocou desde o início. Um integrante da torcida rival atirou um rojão na minha direção, após eu cometer uma falta em um dos jogadores encenqueiros. O cara se levantou e falou que aquilo não ficaria barato não. Jogo que segue e o nosso time estava ganhando por 2 x 1. Nos minutos finais, antes de acabar o jogo, eu estava com a bola pra fazer o gol e sofri uma falta grave por trás. O juiz marcou pênalti, mas os jogadores rivais disseram que havia sido fora da área e foram para cima do árbitro. Ele era um colega do bairro, fomos defendê-lo, e o quebra pau fechou. A turma das arquibancadas entrou em campo e foi briga de jogador contra jogador, torcida contra torcida. Éramos mandantes do jogo e estávamos em maior número. Recordo-me, no tumulto, que eu dei de cara com o sujeito barra pesada do time deles e saímos no braço. Dei sorte e acertei um murro que o fez cair, Logo vieram seus amigos e me tiraram de cima dele. Estava todo ensanguentado e me ameaçou de morte. Graças a Deus chegaram duas viaturas e chamaram reforços. Sei que corri e sai fora para não ir preso. Eu e alguns amigos fomos para o vestiário, pegamos nossas roupas e saímos rapidamente. Entramos em um fusca do meu amigo e partimos. Foi quando avistei o chefão dos caras apontando para nós. Paramos numa cidadezinha perto de onde morávamos e fomos para um boteco da cidade tomar umas cervejas. Cidade pequena, sabe como é! Eu e quatro amigos sentamos e pedimos meia dúzia de

geladas. Nunca havia tomado uma cerveja tão gostosa em toda minha vida. Estava tremendo e bem machucado da pancadaria ocorrida. Fomos relaxando e passamos a brincar com o acontecimento. Pensamos que tudo havia se encerrado. Já era quase noite e estávamos começando a sentir nossa embriaguez, quando dois carros pararam na porta do bar e saíram uns três homens de cada carro fortemente armados e começaram a atirar em nós. Não deu tempo de nada. Vi pelo menos uns 5 caras atirando em nós e um deles era o cara que eu briguei no campo. Minha visão foi se esvaindo e o gelado na pele foi subindo até que tudo escureceu. Senti um calor no rosto e quando passei a mão pelo corpo, percebi que estava todo ensanguentado. Antes de apagar, vi todos os meus amigos caídos no chão. Foi minha última imagem e depois disso, não me lembro de mais nada. Fui encaminhado para UTI, onde fiquei por dois meses internado e passei por duas cirurgias, na coluna e na vista. Até que me chegou a notícia de que ficaria paraplégico e havia perdido a visão de um dos olhos. Dos cinco amigos reunidos naquela noite, só eu e mais um sobrevivemos. Tomei sete tiros e me disseram que foi um milagre eu ter permanecido vivo. Antes eu tivesse morrido, porque meus problemas estavam apenas começando. Assim que tive alta do hospital, ao chegar em casa, minha esposa me abandonou com os nossos dois filhos e sumiu sem deixar rastro. Meu chão se abriu e fiquei sem rumo com dois filhos para criar. Só depois de cinco meses que um advogado amigo meu, junto com uma emissora de televisão, conseguiram fazer uma reportagem e, com a repercussão, consegui receber do LOAS um salário mínimo. Depois de um ano, minha irmã que morava em São Paulo, na zona leste, me convidou para morar com ela. Vim na esperança de um tratamento, mas foi muito difícil. Mal fiz fisioterapia e ainda tentei um tratamento para minha visão, mas desisti. Havia muita burocracia e perda de tempo e eu naquela situação difícil e sem nenhum apoio, acabei desistindo de tudo. Nunca mais trabalhei, mas reuni meus filhos e fomos morar num porão, pois não queria mais dar trabalho e nem preocupar minha irmã. Algum

tempo depois, tive que sair do porão, pois não estava conseguindo pagar o aluguel e me manter. Em 2003, eu fui para o semáforo vender produtos, balas, água, pano de prato e o que mais pudesse. Foi onde consegui juntar um dinheirinho e comprar um carro velho que não andava para que eu tivesse onde morar. Morei dentro dele com meus dois filhos por quatro anos e foi nesse período que roubaram minha cadeira de rodas. Consegui criá-los com muito esforço e quando um deles completou 21 anos e o outro seus 22, casaram e seguiram suas vidas. Tem três anos que conheci uma mulher chamada Camila de Oliveira Alves e sou muito grato por ela estar em minha vida.

Em 2020, completei 45 anos e há dois anos e meio estou na rua Piauí com a avenida Angélica, no bairro Higienópolis. Não vendo nada, pois o pessoal não compra. Já tentei vender bala, água, mas não tive retorno. Hoje eu peço ajuda mesmo, pois preciso fazer minha cirurgia ocular. Uso fralda e sonda; tomo remédios e pago aluguel. Não é fácil para mim, porque no semáforo tem pessoas que criticam. Sigo resiliente aguardando, entre um piscar e outro do semáforo, que anjos enviados por Deus me ajudem e me ofereçam uma oportunidade. Quero registrar aqui os nomes de alguns deles: Dr. Ernesto; a Camila, que é arquiteta; o Gil que tem um estúdio e o Ézio da pet shop próxima; e muitos outros que passam e me dão um auxílio sempre que podem. Eles me trazem esperança e vontade de continuar vivendo, pois já pensei em tirar minha própria vida. Se alguém quiser me ajudar com a cirurgia da vista eu agradeço e sonho com a minha casinha própria, e sair da rua. “A vida me deixou marcas e cicatrizes internas e externas”.

Se alguém quiser me ajudar, agradeço a todos por qualquer ajuda. Deixo aqui registrada minha conta:

Banco do Brasil – titular: Evaldo dos Santos Sá, agência 1548-2, conta corrente nº 15187-4.

Adão Monteiro, cliente ilustre



Adão Monteiro, pianista, arranjador e produtor musical, natural de Patos de Minas (MG), 39 anos, tem influência em sua música da Folia de Reis e do folclore da região onde nasceu. Músico autodidata, recebeu o nome de “Adão Monteiro” em homenagem a seu avô, que também era músico. Em São Paulo, para onde partiu em busca de realizações, conheceu muitos músicos que acrescentaram muito à sua formação musical. Mas a influência dos anos vividos em Patos de Minas permanece até hoje.

Ele continua desenvolvendo sua Arte através da música. Adão passou sua infância na roça. Sua irmã foi trabalhar na cidade e o levou para a casa da patroa; lá havia um piano, e ele se aproximou e começou a tocar. A patroa da sua irmã ficou abismada e o mandou para um conservatório, onde ele se aprimorou, e hoje toca nos melhores bares da cidade de São Paulo. E faz um serviço de voluntário, na igreja que frequenta, e em outros lugares: ensina as crianças a tocar alguns instrumentos. O celular dele é 11.9366-9141.

Conheci Adão em meu táxi, um cara humilde, simples, negro, pobre e de origem interiorano, mas que conquistou o seu espaço na mais alta sociedade, mostra que todos nós podemos chegar aonde parecia ser impossível, mas temos que se adequar, saber entrar e sair por todas as portas e deixar um legado na vida.

Eu e o táxi



Comecei no táxi em 2006 e hoje já faz quase 15 anos nas ruas de SP, meu ponto é no Alto de Pinheiros, bairro de classe media alta, teve época que alguns clientes ligavam no ponto e perguntava qual era o seu carro, eles não queriam saber quem era a pessoa e sim queriam o melhor carro, exigentes? Não. São Chatos mesmo, mas é de onde eu tiro meu dinheiro, aprendi muito com eles e com alguns gênios da FAPESP, onde meu ponto é bem de frente, hoje o táxi está morrendo aos poucos, primeiro pela crise, depois pelos aplicativos, Uber-99 e agora pelo Covid19.

Pensamentos da doutrina Seicho-no-ie

O ser humano possui uma extraordinária capacidade de tornar concreto aquilo em que crê.

Nada ocorre exatamente como desejamos, e sim exatamente como pensamos. Seja-vos feito segundo a vossa fé.

Devemos nos colocar à disposição de Deus.

É necessário eliminar o egoísmo, os interesses próprios e os apegos. Então a sabedoria de Deus flui em nós.

Comece a dar os primeiros passos, com coragem, na direção certa; basta prosseguir e alcançará o seu objetivo.

Você é filho de Deus. É legítimo filho de Deus, que é fonte do bem.

Da fonte do bem só surge o BEM. Aguarde com paciência os sofrimentos e não deixe de orar com fé em Deus. Não deixe que o mal vença você, mas você deve vencer o mal fazendo o bem.

“O Brasil é o berço do mundo.”

Os jornais publicam notícias de que uma pessoa gasta 20 milhões para passear na Lua, alguém gastou 26 mil em uma noite com uma prostituta, um jogador de futebol ganha um salário de 1 milhão por mês, os políticos aumentam em 50% o próprio salário. Há uma distribuição de renda injusta. Se todos dividissem um pouco mais, não haveria fome e tanta falta de moradia. Eu não estou criticando o que você tem e sim o que você faz. Tantas terras improdutivas no mundo, e tantas pessoas sem ter o que comer, veja a Venezuela no ano de 2020 um país acabado, massacrado pela ditadura e política, a fome a miséria e agora estamos passando por uma pandemia mundial o Covid19, todos confinados e só no Brasil em quatro meses morreram 100 mil pessoas, então a gente pensa, quando tudo acabar as pessoas voltarão mais humanas será? Vi um jogador Brasileiro que está sempre envolvido em escândalos, é daquele tipo em que sai da favela, mas a favela esta sempre com ele, não serve para viver em sociedade, está sempre causando e a pouco tempo ostentando com jatinho, iate com mulheres, coleção de carros e a pouco comprou uma cobertura de quatro andares com heliponto para pousar helicóptero, pagou um valor de 30 milhões, assim como tem vários famosos como cantor, ator, apresentador, jogadores, empresários etc. Nesse mundinho tão vazio, vejo na mídia uma disputa de qual é o jatinho mais caro, a pouco teve um cantor sertanejo que comprou um por 53 milhões, em sua maioria não fazem uma obra social, as vezes fazem uma media para aparecerem na mídia e ainda culpa o governo. Eu vejo nessas pessoas um vazio muito grande, tentando auto se afirmar, acredito que por conta disso tudo, o mundo está ruim, esta desigualdade e pessoas com atitudes desumanas ajudam a causar a fome, a miséria, falta de moradia etc. Tenho certeza que se cada um fizesse só um pouquinho para o próximo o mundo estaria muito melhor, acredito que mesmo com esta pandemia, muitos refletirão, mas outros voltarão piores do

que já eram. Tenho esperança que esses poucos que estão refletindo é que vão mudar o mundo.

“Éramos todos humanos, mas a religião nos separou, a política nos dividiu, o dinheiro nos classificou, até que um virus nos igualou.”

Dica de um filme: “CRIP.CAMP”.

Meu currículo — antes

Minha mãe tomou remédio para me abortar, por fim eu nasci, cheio de complicações, tive semiótico (doença de macaco), fui curado por uma benzedeira. Bom, até uma injeção de óleo eu tomei, operei a garganta, enfim, sempre ferrado. Meu pai teve os três melhores vícios que um homem pode ter para se acabar: mulheres, cachaça e jogo. E ainda batia na minha mãezinha, por muitas vezes eu chamava a polícia.

Tive um berço terrível, racista, avarento, violência, palavrões e brigas. Na escola fui bem até a sétima série do primário, depois só bomba, meu apelido na família era capeta, ninguém queria minha visita em suas casas, então fiz jus ao meu apelido. Fui o cão. Levei todo esse meu berço para a vida, apanhei e bati. Bom, mais apanhei do que bati.

Trabalhei com 10 anos como: vendedor de sonhos, ajudante de feirante, carroto na feira, vendi sorvete e ainda ajudava um peixeiro de carroça, com um senhor chamado seu Zé Peixeiro.

Desde pequeno eu via as brigas do meu pai com a minha mãe por conta da bebida dele, eu tinha um berço Português racista, machista, avarento, e eu levei isso para a vida, devo ter magoado muitas pessoas, fui chamado de burro pela minha mãe, e aquilo me marcou.

Fui crescendo e por fim, não terminei meus estudos, na adolescência era rebelde, pichava muros, por fim nunca fui bom em nada, começava algo e não terminava.

Bom, joguei pedra na cruz e agora para eu provar que eu mudei? Quem vai acreditar?

A mudança, Meu currículo — depois

Tive um milagre de ter um filho aos 40 anos, passei por cicatrizes no casamento e ainda tive um câncer maligno. Na minha família teve dois suicídios e quatro com depressão por parte de mãe, uma das vítimas foi minha irmã, e câncer já foram oito no total, por parte de pai, em que cinco morreram e três estão vivos, um dos vivos sou eu. Meu pai faleceu aos 54 anos de câncer e minha mãe teve depressão por quarenta anos e tentou por duas vezes o suicídio, morreu aos 81 anos.

Aprendi que aquele que conhece apenas a própria vida, mesmo que se torne um escritor, só conseguirá escrever sobre si mesmo, mas aquele que conhece o pensamento de milhões de pessoas conseguirá escrever imparcialmente sobre inúmeros personagens, como fizeram Shakespeare e Balzac, que ainda dizia assim: “O homem começa a morrer, na idade que perde o entusiasmo”.

Deus cria o autor e os atores, mas não escreve o roteiro e nem cria o cenário, pois é tarefa do autor e diretor.

Cada um de nós é responsável por escrever e dirigir seu próprio roteiro, ou seja, somos o autor e diretor-geral dessa superprodução chamada (minha vida) livre-arbítrio. O que você vive hoje é resultado de suas decisões anteriores, então pare de se lamentar e comece agora mesmo a escrever um roteiro melhor, lembre-se: tudo é questão de decisão, você é o que você decide ser..

“Vem, vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer”. “É preciso amar as pessoas como se não houvesse o amanhã”.

Eu tive tempo de receber e dar o perdão da minha mãe antes da sua morte, hoje eu sei que quando ela me chamou de burro, ela queria dizer leigo, reconciliei o casamento, talvez à cura do meu câncer e tirar todo o preconceito que carreguei do meu berço.

“O maior deficiente é aquele que tem, pode, e não faz nada.”

Poema “Meus Anjos”

Fico na esquina das ruas
esperando o farol fechar
para alguém me ajudar.

O sol que bate no asfalto
reflete em meu rosto e o
suor invade o meu corpo.

Alguns me dão gorjetas
uns me dão uma palavra
outros me fecham o vidro na cara.

Aqui eu fico o dia inteiro
entre sol e chuva e as vezes
não dá tempo nem de ir ao banheiro.

Ao cair da noite vou para o meu mocó
Lá, as vezes me pego a chorar
e caio num sono profundo
e começo a sonhar.

Em sonhos uma esperança aparece
Estou no mundo da lua, acorda
acorda! O que foi?
Agora você faz parte do Anjos da rua.

Vida nova meu sonho se tornou realidade
agora posso divulgar o livro com a
minha história e ter mais dignidade.

Conquistas e Necessidades.

A ideia era levar depoimentos deles para as pessoas conhecerem suas histórias de vida, eliminarem o preconceito e eles serem reconhecidos como cidadãos e serem incluídos na sociedade. Digo que o livro foi uma inclusão para eles e para mim. Foram vistos com outros olhos após o livro e tiveram muita ajuda e alguns de seus sonhos realizados, e eu escritor que nunca concluí meus estudos, fui chamado de burro pela minha mãe, passei por câncer maligno em 2013, hoje os personagens brincam comigo que o único aleijado do livro sou eu. Digo que eles são diamantes, joias raras, pois não vi outros iguais, a paralisia foi erradicada, e hoje tem um mundo de inclusão e acessibilidade, ainda tenho mais uns vinte cadeirantes de rua catalogados na espera de terem suas histórias divulgadas em um outro livro. Falo que o céu só brilha por causa das estrelas, e se hoje eu brilho é por que eles são minhas estrelas. Digo para todos não esperem por uma desgraça em suas vidas para começar a ajudar o próximo, eu não estou me gabando e sim posso dizer que aprendi e estou aprendendo, perdi meu tempo, perdi dinheiro com isso, mas ganhei tudo em dobro, principalmente o reconhecimento, e hoje eu digo, “Eu já fui deficiente, quando eu não fazia nada por ninguém”, hoje eu não sou mais.

Márcio Câmara, escritor — O livro abriu as portas para uma sociedade fechada, conservadoras e cheia de princípios morais, mas onde a maioria vive de fachada, fazem media para dizer que ajudam.

Bom! Com a literatura eu entrei por muitas portas que eram fechadas. Cheguei a entrar numa mansão de uma cliente do meu táxi, ela ganhou um livro e me convidou para tomar um café e conversar, outros clientes me tratavam melhor depois do livro, uma delas falou que comigo valeu apenas ela gastar o seu latim, mas digo que os que ajudam da para contar nos dedos de uma mão. Temos no ponto de táxi mais ou menos uns mil clientes na região do Alto de Pinheiros, mas quem se comove e ajuda é uma meia dúzia de pessoas. Eu levava um pessoal no meu táxi de um condomínio mais caro da região e o povo mais chato que já vi, eu falava que era um cortiço de luxo, porque tinha brigas igual o Cinga Pura, lá eu atendia o rei da indústria farmacêutica, o rei dos magazines, o rei cabeleireiro, o rei da carne e muitos outros grandes empresário. Todos sabiam do meu projeto e nunca me ajudaram, o rei da carne que a pouco foi preso, me falou que o meu livro não era o perfil da sua empresa, graças a Deus que não era mesmo, eu cheguei a mendigar ajuda pelos personagens, mas nada de ajuda desse povo, mas consegui de outros, poucos mas de boa fé, que fazem de coração e não por obrigação. Um dia um motoboy me ligou e se encontrou comigo, e me disse que o livro salvou a vida dele, ele ia se matar e após ganhar o livro com um dos personagens e ler, ele desistiu e saiu das drogas e voltou pra casa com sua esposa e seu filhinho, ele me abraçou e chorou. Depois teve um dia que o personagem Claudio me ligou às 23h:00, eu não iria atender pensando que ele iria me pedir favor, mas atendi e ele se desculpou pelo horário e me disse assim: só liguei para agradecer por tudo o que fez por mim e para falar que te amo de coração, logo desligou e eu estava em lágrimas, aquilo me dizia que já tinha valido apenas o meu esforço.

Bom! Fui chamado no SENAC na semana inclusão pelo Pedro Paulo Zogbi o coordenador da área, fui para falar do livro em 2014 e 2016. Depois fui convidado da Senadora Mara Gabrilli num encontro no

edifício Joelma, depois várias reportagens em revistas, radio, TV Cultura, TV Record e TV Brasil até chegar na Secretaria da Pessoa com deficiência e ter o apoio do Secretário Cid Torquato e a Vereadora Soninha Francine, arrumando apoio e fazendo do meu livro um projeto literário.

Hoje tenho três livros, Anjos da rua, Modelo da vida biografia e Contos cor de rosa LGBT, alguns exemplares atravessaram o mundo, foram para outros países onde adquiriram em meu táxi, teve um Inglês que levou vinte livros, e na terra natal dos meus pais também, biblioteca Câmara de Lobos na Ilha da Madeira, onde fizeram uma menção para mim. Lembro-me de uma frase de André Rieu violinista e regente que diz, tudo o que se faz com amor se torna universal.

Sonhos: editar mais quatro livros que escrevi com os títulos: “Empregadas sim, escravas nunca mais”, “Lições de vida”, “Educação e seus destinos” e “O Iluminado” quem sabe conseguir um documentário ou mesmo um filme com meus livros e minhas histórias.

Personagem Raimundo: Após anos, na rua e já com muita idade, Raimundo foi encontrado por sua família, após uma moça, Shala Monteiro, fazer várias buscas e postar nas redes sociais suas fotos e dizendo das suas necessidades, pois ele foi recolhido pelo CAPI'S alegando insanidade, mas não era, e foi ai que um irmão de Raimundo o reconheceu e veio ao seu encontro, teve várias reportagens e ele foi embora com a família após quase 30 anos na rua e já com 70 anos de idade, hoje ele mora em Goiânia com sua família, onde passou por um processo de reabilitação e convivência.

Personagem Luizinho: Após se arrastar no chão por anos e anos, seus ossos da perna estão muito gastos e debilitados, só está indo trabalhar de sábado, onde engraxa sapatos, ele ganhou uma bicicleta, mas não se adaptou, **Sonho:** hoje ele precisa de uma casa própria, pois mora de aluguel.

Personagem Débora: Foi vista de uma forma diferente depois do livro. Muitos que fechavam seus vidros do carro no semáforo, hoje abre ele e conversa com ela. Deu algumas entrevistas, hoje pode entrar na churrascaria que um dia negaram sua entrada, hoje tem uma filha que está terminando seus estudos e procurando emprego, ela ainda precisa de muita ajuda, pois para sair de casa ela sobe se arrastando por uns 15 degraus, depois troca de roupa para ir ao trabalho. **Sonho:** ela precisa de um quarto adaptado no piso superior no nível da rua e um emprego para sua filha.

Personagem Claudio: Teve um bom reconhecimento com o livro, ele está em um bairro melhor, próximo ao CEAGESP, onde ganhou uma ótima cadeira motorizada, um tratamento dentário, ou seja uma dentadura completa na USP aqui em São Paulo, com o apoio do diretor da faculdade de odontologia de Bauru USP o doutor Carlos Santos, cliente do meu táxi.

Hoje ele ainda dorme em sua cadeira num corredor de um posto de gasolina e sua família esta no interior de SP onde moram de aluguel. **Sonho:** conseguir a casa própria.

Personagem André: Ele conseguiu um bico numa rádio, quase um estágio. Conheceu a proprietária da Mídia Mix, que o ajudou em um curso de locução, Cristiane Gumiero, hoje está desempregado fazendo alguns bicos.

Sonho: Conseguir a casa própria e um emprego de radialista ou comentarista.

Personagem Valdir Padovan: Após quase trinta anos na cama ele faleceu em 2018, ele brigou muito por elevadores no metro de São Paulo e uma adaptação na estação Pirituba, lembro que ele me ajudou na correção do livro, e me chamou a atenção dizendo assim: você quer matar os personagens, colocou cadeira elétrica e o certo é cadeira motorizada (risos) Hoje em sua homenagem e memória dia 22 de

agosto de 2020, colocaram o seu nome numa rua do seu bairro.

André Basquete: Teve a guarda de sua filha ainda adolescente e que hoje é mãe de gêmeos, se casou e mora com o seu marido, ele conseguiu muita ajuda no farol, ate pouco tempo um empresário dava uma pequena ajudava por mês. **Sonho:** seu sonho é ter a casa própria,

Personagem Claudinho: Entrou a pouco tempo no livro, logo ficou famoso na região, onde as pessoas que adquiriram o livro e souberam de sua história começavam a parabenizá-lo e ajudar. Ganhou uma cadeira motorizada, mas ele ainda usa convencional para trabalhar e fazer exercício. **Sonho:** Ter a sua casa própria.

Personagem Edvaldinho: Ele entrou no livro agora, nessa nova edição em 2020, e ainda vai ter muita coisa para contar, está ansioso para divulgar os livros. **Sonho:** conseguir a sua casa própria

Personagem Evaldo: O último personagem que entrou agora no livro, então ele ainda terá muitas novidades também, igual aos outros personagens, logo de cara ele me falou que este livro caiu do céu, pois antes ele só pedia ajuda e agora ele tem algo para divulgar sua historia. **Sonho:** a casa própria, a cirurgia da vista, sair da rua e uma cadeira de rodas convencional.

Obs. Todos eles têm muito gastos com as cadeiras de rodas: a bateria dura seis meses e algumas cadeiras utilizam duas baterias com o custo de R\$600,00, o pneu grande custa R\$350,00 cada, o pneu pequeno sai por R\$150,00, o controle custa em média R\$500,00, fora a revisão anual.

ANJOS DA RUA

Márcio Câmara
Anjos da rua

Contato do autor:
Cel. (11) 98660-4877

FLOS
FILoS Editora

*Av. João Cardoso, 114 | Centro
CEP: 18760000 |
Cerqueira César | SP
E-mail: assessoriafilos2@gmail.com
www.filoseditora.com.br*